

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS**

**MARÍLIA PINTO FERNANDES**

**COMUNICAÇÃO E VISIBILIDADE POLÍTICA EM PARADAS LGBT**

**PORTO ALEGRE  
2018**

MARÍLIA PINTO FERNANDES

**COMUNICAÇÃO E VISIBILIDADE POLÍTICA EM PARADAS LGBT**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do diploma de Bacharel em Relações Públicas.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Weber

**Coorientadora:** Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Fiorenza Zandonade Carnielli

PORTO ALEGRE  
2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado “Comunicação e visibilidade política das Paradas LGBT”, de autoria de Marília Pinto Fernandes, estudante do curso de Relações Públicas, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 15 de junho de 2018

Assinatura:

Nome completo do orientador: Maria Helena Weber

## COMUNICAÇÃO E VISIBILIDADE POLÍTICA EM PARADAS LGBT

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do diploma de Bacharel em Relações Públicas.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Helena Weber

**Coorientadora:** Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Fiorenza Zandonade Carnielli

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

### BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Weber - UFRGS  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Fiorenza Zandonade Carnielli – UFRGS  
Coorientadora

---

Prof. Dr. Rudimar Baldissera - UFRGS  
Examinador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Pâmela Caroline Stocker  
Examinadora

o amor é a linguagem de toda vida, de toda  
natureza, de toda expressão maior.  
eterna.  
terno.  
enternecer, compreender, aceitar, celebrar, vibrar,  
se emocionar.  
ser.  
enquanto uns puxam pra trás,  
a gente vai pra frente.  
a gente sabe que o caminho certo  
é só esse.

*Ana Cañas*

## AGRADECIMENTOS

Estudar em uma universidade pública e de qualidade foi um privilégio. Minha responsabilidade e a de todos que tiveram essa oportunidade, é a de devolver para a sociedade a educação que tivemos, é de investir na sociedade os conhecimentos que recebemos de forma gratuita. Uma parte desse projeto é este trabalho e eu o dedico a todas, todes e todos que constroem os movimentos sociais, as manifestações públicas e que levam o ativismo adiante, que se arriscam pelo que acreditam e para tornar nossa sociedade mais tolerante. Essa dedicatória serve como promessa para que esse projeto não se encerre aqui.

Agradeço ao meu pai, Emilio e à minha mãe, Maria Teresa, pelo amor, carinho, paciência e apoio nos momentos complicados, pelos investimentos em mim, pelas oportunidades oferecidas e pelo constante aprendizado.

Aos meus irmãos, Eduardo e João Pedro, por serem tão diferentes entre si e, com isso, ajudarem a constituir a minha personalidade.

Ao meu amor, Alessandra, pelos abraços carinhosos, pela persistência em nosso amor, pelo companheirismo, pelo apoio incondicional, por ser também minha melhor amiga, pelas trocas de conhecimento que tanto nos fizeram crescer e por esses quatro anos de faculdade vividos juntas. Minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal não seria a mesma sem ti ao meu lado.

À minha sogra e meu sogro, Cláudia e Eduardo, por terem me acolhido de braços abertos em sua família.

Às amigas, aos amigos e amigues fabricanxs pelas risadas, conselhos, troca de vivências e aprendizado mútuo. Especialmente à minha turma, por ser composta de pessoas tão diferentes entre si e que me proporcionaram um crescimento pessoal incrível.

Às minhas e aos meus colegas de trabalho pelas risadas que tornaram esse processo muito mais leve e por me fazerem ver que um ambiente de trabalho repleto de alteridade, sensibilidade e empatia é possível.

A todas amigas e amigos que participaram do meu processo de formação pessoal, acadêmico e profissional. Independentemente se estavam longe ou bem ao meu lado; se a amizade já existe há 10 anos ou se acabou de surgir, todas e todos vocês foram importantíssimos ombros amigos em todos os momentos.

Às professoras e aos professores de Comunicação e de Relações Públicas que, além grandes mestres, também foram amigos.

Às minhas orientadoras, Professora Milena e Professora Fiorenza, por terem acreditado no meu projeto e me conduzido durante esse processo de uma forma muito bonita, carinhosa e com um apoio incansável. As contribuições de ambas foram essenciais para a construção desse trabalho.

Por fim, agradeço aos colegas que organizaram por cinco anos a Semana da Diversidade Sexual e de Gênero da Fabico junto a mim. Foi aquela primeira semana, quando eu estava ainda no meu primeiro semestre de faculdade, que me fez ter certeza de que era meu dever sair dessa Universidade com um estudo que honrasse esse trabalho lindo e resiliente que fizemos nesses anos.

## RESUMO

Esta monografia tem como tema a visibilidade e política das Paradas LGBT no Brasil, mais especificamente em Porto Alegre. O objetivo geral é compreender como as duas Paradas LGBT de Porto Alegre se apresentam em seus canais oficiais de comunicação e divulgação, através dos conceitos de espetáculo político de Rubim (2004) e Debord (1997), aliado às teorias de espaço público e visibilidade trazidas por Jovchelovitch (2000) e Esteves (2011) e de gênero e sexualidade de Louro (1997). A pesquisa foi realizada com três abordagens metodológicas: a análise histórico-descritiva, entrevista e cartografia. Para o tratamento desse material, foi utilizada a análise interpretativa. O estudo teve como objeto as páginas oficiais no Facebook da Parada Livre de Porto Alegre e da Parada de Luta LGBTI. Constatou-se, por fim, que por mais que os dois eventos tenham pontos de divergência, principalmente no que tange os processos de divulgação do evento, ambos trabalham com um evento que precisa ser viabilizado financeiramente e estruturalmente. O que aponta a importância da visibilidade de pessoas conhecidas e de recursos financeiros providos de instituições públicas, doações e venda de produtos. Identificou-se também que, apesar das diferenças políticas, as duas paradas se apresentam politicamente em suas páginas oficiais no Facebook e reforçam constantemente a importância disso para a construção das mobilizações LGBT.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paradas LGBT; espetáculo político; gênero e sexualidade; visibilidade.



## **ABSTRACT**

This monograph focuses on the visibility and politics of LGBT Parades in Brazil, more specifically in Porto Alegre. The general objective is to understand how the two LGBT Parades of Porto Alegre present themselves in their official channels of communication and dissemination, through the concepts of political spectacle of Rubim (2004) and Debord (1997), combined with the theories of public space and visibility brought by Jovchelovitch (2000) and Esteves (2011) and of gender and sexuality of Louro (1997). The research was carried out with three methodological approaches: historical-descriptive analysis, interview and cartography. For the analysis, the interpretative analysis was used. The case study had as its object the official Facebook pages of Parada Livre de Porto Alegre and the Parada de Luta LGBTI. Finally, it was verified that, although the two events have points of divergence, especially in relation to the processes of dissemination of the event, both work with an event that needs to be financially and structurally feasible. What points to the relevance of the visibility of people known and financial resources provided by public institutions, donations and sales of products. It was also identified that, despite the political differences, the two Parades are politically presented in their official Facebook pages and constantly reinforce the importance of this for the construction of LGBT mobilizations.

**KEYWORDS:** LGBT Parades; political spectacle; gender and sexuality; visibility.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto de perfil e capa da página da Parada Livre de Porto Alegre .....	47
Figura 2 – Eventos da Parada Livre de Porto Alegre .....	48
Figura 3 – Descrição da Parada Livre de Porto Alegre .....	48
Figura 4 – Campanha de divulgação Parada Livre .....	50
Figura 5 – Programação da Parada Livre de Porto Alegre .....	52
Figura 6 – Serviço do evento .....	53
Figura 7 – Recurso de engajamento .....	55
Figura 8 – Contagem regressiva .....	56
Figura 9 – Registros da Parada Livre .....	57
Figura 10 – Divulgação pós-parada .....	58
Figura 11 – Divulgação de parceria com o bar Workroom .....	60
Figura 12 – Divulgação de parceria com o aplicativo Onni .....	61
Figura 13 – Venda de produtos .....	62
Figura 14 – Divulgação de eventos com pessoas conhecidas .....	63
Figura 15 – Foto de perfil e capa da página da Parada de Luta LGBTI .....	66
Figura 16 – Eventos da Parada de Luta LGBTI .....	67
Figura 17 – Descrição da Parada de Luta LGBTI .....	68
Figura 18 – Divulgação de festas não organizadas pelo coletivo .....	70
Figura 19 – Entrevista ao Programa Conexão RS .....	71
Figura 20 – Divulgação de artista convidada para o evento .....	72
Figura 21 – Registro da parada .....	73
Figura 22 – Comparação de público 2014 vs 2017 .....	74
Figura 23 – Campanha contra a reforma Trabalhista .....	76
Figura 24 – Campanha pela investigação do Presidente Michel Temer .....	77
Figura 25 – Campanha sobre poliamor .....	78
Figura 26 – Incentivo à participação em consulta pública contra Dep. Jair Bolsonaro .....	79
Figura 27 – Divulgação Parada de Luta LGBTI 2018 .....	80
Figura 28 – Divulgação serviço de apoio jurídico .....	81
Figura 29 – Convite para ato alusivo ao Dia Internacional do Orgulho LGBT .....	82

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Número de publicações de cada categoria analisada da Parada Livre .....49

Tabela 2 – Número de publicações de cada categoria analisada da Parada de Luta LGBTI ...69

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 LUTAS LGBT: VISIBILIDADE E POLÍTICA</b> .....	<b>15</b>
2.1 HISTÓRIA DAS MANIFESTAÇÕES LGBT .....	15
2.2 GÊNERO, SEXUALIDADE E CORPO POLÍTICO .....	19
2.3 PARADAS LGBT NO BRASIL .....	23
<b>3 MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS: VISIBILIDADE E ESPETÁCULO</b> .....	<b>27</b>
3.1 AÇÃO, LUTA E CONFRONTO POLÍTICO .....	27
3.2 OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E VISIBILIDADE .....	31
3.3 ESPETÁCULO POLÍTICO .....	37
<b>4 VISIBILIDADE E PODER NAS PARADAS EM PORTO ALEGRE</b> .....	<b>43</b>
4.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA .....	43
4.2 PARADA LIVRE DE PORTO ALEGRE .....	45
<b>4.2.1 Histórico</b> .....	<b>45</b>
<b>4.2.2 A visibilidade do movimento em sua página no Facebook</b> .....	<b>46</b>
4.3 PARADA DE LUTA LGBTI DE PORTO ALEGRE .....	63
<b>4.3.1 Histórico</b> .....	<b>63</b>
<b>4.3.2 A visibilidade do movimento em sua página do Facebook</b> .....	<b>65</b>
<b>5 ANÁLISE</b> .....	<b>83</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>88</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>91</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A política é um processo intrinsecamente humano, assim como ela necessita das relações humanas para existir e fazer sentido, é através dela que as pessoas podem se libertar e viver em um domínio diferente do da vida privada. Para Jovchelovitch (2000), é com a política que o discurso e a ação surgem e, conseqüentemente, é através delas que a política existe. O fazer política tem diversos caminhos, modos e recursos diferentes. Um desses processos é o de organização de uma manifestação pública, um ato, confronto ou protesto político que, ao curso de um longo processo de arranjo político e de reivindicações, pode se tornar um movimento social.

Nesse sentido, Arendt (2007) diz que faz parte do desenvolvimento político lidar com a “dispersão de preconceitos” (ARENDR, 2007, p.29), visto que o pensamento político tem como base a capacidade de formação de opinião e é nessas opiniões que se encontram ideias que, em algum momento tiveram uma legitimidade, e que, ao serem levadas adiante, ao longo dos anos, sem serem revistas, tornam-se preconceitos. As mobilizações públicas em torno das questões relativas a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis - LGBT<sup>1</sup> sempre tiveram como objetivo desconstruir preconceitos e eliminar discriminações, através de um processo de busca por legitimidade e visibilidade.

Parada do Orgulho LGBT, Parada da Diversidade ou Parada Livre são alguns dos nomes de um tipo de evento que ocorre em diversos países do mundo, com diversos objetivos, desde a obtenção e manutenção de direitos civis até a própria comemoração do orgulho e da “cultura” LGBT. No Brasil, esse tipo de evento tomou uma proporção e popularidade bastante significativa, tendo a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo como um evento que, para além de gerar visibilidade para a comunidade LGBT, também tem uma função importante na economia turística da cidade<sup>2</sup>. Em Porto Alegre, mais especificamente, diferentemente de outras cidades, acontecem anualmente duas paradas: a Parada Livre, organizada desde 1997, e a Parada de Luta LGBTI, que ocorre desde 2007.

As justificativas para este trabalho encontram-se na percepção de que o campo de conhecimento da política, especialmente no que tange a comunicação e as relações públicas, não procura trazer esta temática tão cara à sociedade. Ao realizar o Estado da Arte, foi

---

<sup>1</sup> Por convenção, neste trabalho será utilizada a sigla LGBT para referir-se à comunidade como um todo. No entanto, cabe ressaltar que há diversas outras siglas que compõem o movimento, tais como: LGBTI, LGBTQ, LGBTQI, LBTT, entre outras variações e combinações possíveis. As letras I, Q e T referem-se a Intersexo, *Queer* e Travestis, respectivamente.

<sup>2</sup> Fonte: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/7899-parada-lgbt-movimenta-turismo-em-s%C3%A3o-paulo.html>> Acessado em 13 de junho de 2018.

encontrado apenas um trabalho que tinha como proposta analisar as Paradas LGBT dentro do espectro da política, ainda que tivesse o viés da Psicologia, campo de estudo da autora, Jaqueline Gomes de Jesus (2010).

Parece também essencial debater qual o caráter que se destaca como o principal quando se trata de um evento como esse, ou quais as motivações para a participação de um número tão significativo de pessoas. É necessário debater como o país que comporta a maior parada LGBT do mundo, tem também as taxas mais altas de assassinatos de pessoas LGBT. Algumas dessas inquietações, infelizmente não serão respondidas por esse trabalho, mas são apenas algumas das diversas questões que esse assunto suscita, o que denota a evidente relevância de se estudar mais as paradas.

Aliado a isso, as motivações pessoais também tiveram um peso importante para a decisão de levar o trabalho adiante. Tais como a minha formação política, relacionada especialmente com o ativismo pelos direitos humanos, em especial direitos LGBT, das mulheres e, mais recentemente, de negras e negros; minhas vivências como uma mulher lésbica; o fato de ser uma comunicadora em formação e perceber que esses eventos não obtinham o destaque político que mereciam na academia; e também uma curiosidade de compreender esses eventos gigantescos em número de participantes e que comportam diversas expressões identitárias.

A pesquisa a ser desenvolvida busca compreender como as duas Paradas de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) de Porto Alegre se apresentam em seus canais oficiais de comunicação e divulgação. Tendo, nesse espectro, os seguintes objetivos específicos:

- Compreender, à luz dos conceitos de espetáculo, a inserção das Paradas como atos políticos;
- Apontar as diferenças e/ou semelhanças de apresentação entre as duas Paradas de Porto Alegre;

Para compreender os objetivos propostos pela pesquisa, será realizada uma análise histórico-descritiva das duas paradas de Porto Alegre, considerando as informações históricas fornecidas pelos organizadores de cada uma através de entrevista e fonte documental. Após, será realizada uma cartografia das páginas oficiais do Facebook desses dois eventos com a finalidade de compreender como essa apresentação e visibilidade se dão.

O estudo está organizado em cinco capítulos, sendo o primeiro esta Introdução. O segundo capítulo, com o objetivo de compreender o momento em que as Paradas LGBT foram criadas, traz um contexto histórico das manifestações políticas no Brasil com as referências

teóricas de Gohn (2011) e Dagnino (2004). A fim de contar a história das mobilizações públicas LGBT internacionais e nacionais, serão abordadas as perspectivas de Facchini (2016) e Louro (1997). Para compreender a luta LGBT de forma mais precisa, serão apresentados os conceitos sobre gênero e sexualidade de Louro (1997) e Butler (2001). Para contextualizar a história das paradas no Brasil, a autora abordará as concepções de Facchini (2016), Jesus (2010), Facchini, França e Venturi (2007).

O terceiro capítulo abordará as definições e processos de formação de movimentos sociais e manifestações públicas trazendo as perspectivas dos autores Weber (2011), Tarrow (2009), Gohn (2011), Parker e Weber (2016) e Castells (2011). No sentido de poder explicar os conceitos de espaço público versus espaço privado, bem como a importância da ocupação do espaço público para os acontecimentos públicos e os impactos desse processo na imagem e visibilidade, serão abordados os conceitos de Jovchelovitch (2000), Esteves (2011), Arendt (2007), Parker e Weber (2016), Castells (2011) e Henriques (2012) e Weber (2009). A fim de compreender as noções de espetáculo político e espetacularização do acontecimento público, serão trazidas as concepções de Rubim (2004), Weber (2011) e Debord (1997).

O quarto capítulo apresenta a abordagem e os procedimentos metodológicos para realização desta pesquisa. Para fins de conceituação do método de cartografia, foram utilizados os conceitos de Rosário (2008). Em seguida, nesse mesmo capítulo, além do histórico da Parada Livre de Porto Alegre e da Parada de Luta LGBT, serão descritas, de forma geral, as páginas oficiais de comunicação de ambas no Facebook, bem como, de forma mais aprofundada, as publicações destas.

No capítulo cinco será apresentada a análise comparativa entre os dois eventos. E, por fim, no capítulo seis, serão expostas as considerações e conclusões referentes à pesquisa.

## 2 LUTAS LGBT: VISIBILIDADE E POLÍTICA

As lutas, as manifestações políticas e os protestos realizados pela comunidade LGBT têm diversos momentos importantes na história mundial, passando por protestos violentos, reações à violência policial, manifestos políticos, atos culturais e artísticos, pressão quanto a direitos e passeatas. Essas últimas sendo as que se aproximam mais do que, hoje, é o formato de paradas LGBT.

A seguir, serão abordados a história dessas lutas no mundo e, mais especificamente, no Brasil, o contexto em que esses eventos surgem e os aportes teóricos que nos ajudam a compreender as identidades que fazem parte da luta LGBT.

### 2.1 HISTÓRIA DAS MANIFESTAÇÕES LGBT

O início dos movimentos LGBTs no Brasil reporta ao histórico mundial, tendo a década de 1940 como o “nascimento” dos movimentos sociais LGBTs, visto que nessa década foi criada em Amsterdã uma organização chamada , em inglês, *Center for Culture and Recreation* (COC), que tinha por objetivo formar uma imagem mais positiva da homossexualidade – nesse caso, especificamente a homossexualidade masculina, já que os participantes do movimento eram todos homens gays –, bem como trabalhar a tolerância. Nos anos 1950, outros dois grupos com objetivos parecidos foram criados nos Estados Unidos: o Mattachine Society e o Daughters of Bilitis, destinados a homens gays e mulheres lésbicas respectivamente (FACCHINI, 2016).

Ainda que os movimentos feministas não tenham relação direta com a propulsão dos movimentos relacionados à sexualidade e identidade de gênero, é importante evidenciarmos o contexto de mobilização – especialmente no que tange movimentos que se referem a assuntos considerados da esfera privada e que, a partir desse momento, irrompem na esfera pública – que antecede a criação de instituições e organização de atos e protestos relativos a grupos LGBTs. Segundo Guacira Lopes Louro (1997), embora já existisse uma organização de movimentos feministas no século XIX, é na virada dos séculos que essas manifestações começam a adquirir um peso e uma visibilidade mais expressiva. Nessa época, o movimento era basicamente composto por mulheres brancas e de classes mais elevadas, que se organizavam politicamente com o objetivo principal de obter o direito ao voto. Esse período, chamado de sufragismo foi, após, considerado como a “primeira onda” do feminismo, por sua força e amplitude. Na sequência da conquista dos objetivos, o movimento foi perdendo um



pouco de sua força. Foi na “segunda onda”, no final da década de 1960, que o movimento feminista passou a se organizar novamente, com demandas mais sociais e com a preocupação em construir teoricamente o feminismo.

Com os movimentos *hippie*, feminista, estudantil e negro ganhando cada vez mais visibilidade, os anos 1960 e 1970 proporcionaram uma crescente dos movimentos pelos direitos LGBTs. Apesar de não necessariamente compartilharem das mesmas reivindicações, todos esses movimentos tinham em comum o rompimento da linha que dividia as esferas pública e privada, pessoal e política. As marchas desse período foram marcadas por atos de rebeldia e radicalização contra a violência e clamando por libertação. Mais precisamente, o ano de 1968 é considerado um marco dessa rebeldia e insatisfação coletiva<sup>3</sup>. Diversos grupos, diferentes entre si, que já estavam gestando essas inconformidades anteriormente, conseguiram, no ano de 1968, força e visibilidade para reivindicar suas demandas e expressar sua insatisfação com todos os arranjos sociais e políticos da época.

Nesse contexto, em 28 de junho de 1969, aconteceu a revolta do bar *Stonewall Inn*, um bar de Nova Iorque que era muito frequentado por pessoas LGBTs pobres e marginalizadas. Com uma frequência constante de batidas policiais no estabelecimento, os frequentadores do bar e moradores LGBTs do bairro se organizaram e, após um momento de violência por parte da polícia, as pessoas se rebelaram e passaram a atacar de volta os policiais, sucedendo assim em um episódio muito violento e transformando-o em um marco do movimento LGBT até hoje. A partir de 1970, surgiram marchas em Nova Iorque e em São Francisco com o objetivo de denunciar a violência, a criminalização e a patologização da homossexualidade. Essas marchas ocorriam especialmente no dia 28 de junho, quando, por conta da revolta de *Stonewall*, é comemorado internacionalmente como o “Dia do Orgulho Gay”.

Para compreendermos a história das lutas LGBT no Brasil, é necessário elucidarmos, brevemente, o contexto temporal e político em que elas estão inseridas.

A partir do século XX, com as grandes movimentações de pessoas trazidas pelo êxodo rural, as lutas sociais no Brasil passaram a ter características e nuances diferentes por conta “das novas funções que passam a se concentrar nas cidades” (GOHN, 2011, p.59). Ainda assim, no decorrer do século, diversas outras mudanças ocorreram nos movimentos sociais,

---

<sup>3</sup> Protestos marcantes ocorreram em 1968, tais como: ocupação dos campi de universidades, além das ruas de cidades nos Estados Unidos, para protestar contra o conservadorismo, contra a Guerra do Vietnã e contra os assassinatos de Martin Luther King e Robert Kennedy. Na França, o mês de maio de 1968 foi marcado por um protesto generalizado que com diversas pautas, acabou enfraquecendo o governo do então presidente general Charles de Gaulle. No Brasil, em plena ditadura civil-militar, os protestos contra o governo se intensificaram com a morte do estudante Edson Luís, o que resultou na passeata dos cem mil. Fonte: <<https://www.infoescola.com/historia/o-ano-de-1968/>> Acessado em 13 de junho de 2018.

especialmente no que tange os objetivos desses. Se nas primeiras décadas o propósito das lutas era incluir os excluídos e, no entendimento geral, esses eram as pessoas pobres, no final do século, os dois termos já não tinham o mesmo significado. Com o capitalismo efervescente, foram criados grupos de pessoas vivendo em situação de “*apartheid* social” (GOHN, 2011, p.160) e que, diferentemente dos pobres, têm identidade, se organizam em coletivos, reivindicam direitos e procuram se inserir como consumidores de bens e produtos dentro do capitalismo e não mais fora dele.

Após os protestos organizados em torno do *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor, a política e o Estado no Brasil, segundo Gohn (2011), passaram a ser desacreditados pela sociedade, bem como os movimentos sociais que explicitavam uma ação mais político-partidária. E, com a crença de que os cidadãos poderiam atuar independentemente de partidos políticos, os anos de 1990 observaram a crescente de movimentos sociais com objetivos que atingem a população como um todo ou grandes grupos de pessoas que têm um perfil socioeconômico parecido.

As pautas desses movimentos passaram a ser focadas em reivindicações de direitos, tanto os essenciais – como saúde, educação, alimentação, moradia – quanto os ditos “direitos sociais modernos” que têm relação direta com a liberdade e autonomia dos sujeitos - como gênero, sexualidade, raça. Buscam o direito à diferença, à

participação na sociedade - civil e política - no mercado de bens e produtos de consumo, mas reivindica-se também a manutenção de valores culturais. Não se aceita mais ter de mudar de religião, nacionalidade, padrão cultural ou alterar qualquer aspecto da identidade, para poder participar do mundo atual. (GOHN, 2011, p.208-209)

Evelina Dagnino (2004) traz que, a partir do momento em que essas novas pautas de luta foram surgindo nos movimentos sociais, houve também um processo de ressignificação da noção de cidadania. Essa ideia compreende que os direitos humanos envolvem também as construções culturais dos indivíduos e mais importante, que esses direitos sejam definidos e criados pelos próprios sujeitos excluídos, invertendo a lógica que se tinha do processo de cidadania. O ponto de partida para essa ressignificação da ideia de cidadania foi a concepção de que existia o direito de ter direitos e de demandá-los, inclusive, a própria afirmação de se ter algum direito já é uma luta política. A partir daí, novos direitos foram sendo criados, relacionados a reivindicações mais particulares, tais como “o direito à autonomia sobre o próprio corpo, o direito à proteção do meio ambiente e o direito à moradia” (DAGNINO, 2004, p.104). No que tange a autonomia sobre o próprio corpo, entram diversos pontos específicos como, por exemplo, o direito à liberdade sexual, direito à livre expressão de identidade de

gênero e os direitos que se referem, exclusivamente, à luta das mulheres contra o machismo. Nesse sentido, a autora afirma também que a redefinição da cidadania não concerne apenas ao direito a ser reconhecido como igual, mas também – e principalmente – ao direito de ser diferente.

Segundo Gohn (2011), essas características dos movimentos sociais perduraram durante os anos 2000 e as lutas identitárias e relativas aos direitos culturais e sociais expandiram-se cada vez mais. Foi nesse contexto de reivindicação do direito à liberdade, autonomia e à vida que as primeiras Paradas LGBT surgiram no Brasil.

Já no Brasil, desde a década de 1970 a comunidade LGBT já estava se organizando e desenvolvendo um movimento com o objetivo de autoafirmar-se e poder exercer livremente a sexualidade, bem como poder ser incluído na sociedade e garantir direitos e a sociabilidade (JESUS, 2010). Facchini (2016) diz que esses primeiros movimentos eram bastante caracterizados pelos próprios militantes como apolíticos, com o foco claro em assegurar a inclusão, utilizando-se de “iniciativas como pequenos jornais distribuídos em bares, fã-clubes de artistas e bailes de carnaval onde homossexuais se encontravam” (FACCHINI, 2016).

A abertura política após a ditadura civil-militar e a epidemia da AIDS foram fatores que estimularam, mobilizaram e trouxeram visibilidade para os movimentos LGBTs. Ainda que o vírus HIV tenha trazido inicialmente um fator negativo para o grupo, propiciou também um debate sobre as diferentes formas de se compreender a sexualidade, dando espaço para a noção contemporânea da sexualidade que coloca as duas pessoas presentes na relação em igualdade, sem hierarquizá-las a partir de funções sociais heteronormativas.

Facchini (2016) divide a história dos movimentos LGBTs no Brasil em três ondas: a primeira vai de 1978 a 1983 e tem como principal característica a luta pelo respeito à liberdade sexual, pela visibilidade e pela despatologização da homossexualidade – que nessa época ainda constava como doença na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), publicada com revisão regular pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O grupo Somos de Afirmação Homossexual, o jornal Lampião da Esquina e o Grupo Gay da Bahia surgiram nesse período. Também é nessa época que o movimento organiza o seu primeiro ato, em São Paulo, com o objetivo de protestar contra a violência policial e contra a “Operação Limpeza”, que por meses vinha prendendo e espancando prostitutas, travestis e homossexuais.

A segunda onda, que compreende o período entre 1984 e 1992, traz um movimento LGBT muito organizado contra a epidemia da HIV, procurando oferecer assistência à comunidade e suas famílias e um trabalho ativo na formulação de reivindicações para o

governo. O HIV foi, inicialmente, considerada uma doença “gay” e essa caracterização da epidemia fez com que os projetos de liberação sexual da primeira onda acabassem sendo desmobilizados. Sendo assim, nessa fase, o movimento procurou construir uma outra imagem pública da homossexualidade, com o objetivo de possibilitar a luta pelos direitos civis, como a despatologização da homossexualidade, o “casamento gay”, a legislação antidiscriminatória, entre outros. Um dos projetos dessa mudança de imagem pública foi a adesão da expressão “orientação sexual”, com a ideia de afirmar que a sexualidade não é uma escolha racional, mas também não parte de uma definição simples. É um processo mais complexo.

A terceira e última onda – ao menos no que tange a definição de Facchini –, se inicia nos anos de 1992 e se estende até os dias de hoje. O início dos anos 1990 seguiu ainda em boa parte na luta contra a Aids, o que fez com que o Brasil se tornasse pioneiro na assistência comunitária e, posteriormente, governamental aos portadores do vírus HIV. Com isso, houve uma expansão do movimento LGBT por todo país, sendo criados diversos tipos de organizações que tinham por objetivo trabalhar com as questões de gênero e sexualidade.

Nesse período, um ponto que diverge das outras ondas, é a busca pela diferenciação política de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, trazendo à tona reivindicações mais específicas para cada grupo. Alguns anos para frente, também se tornam fortes outros “recortes” específicos, como de classe e raça. As travestis, talvez o grupo mais exposto da comunidade LGBT, começam a se organizar mais nesse período, trazendo demandas como a consequência da Aids e a violência contra travestis.

Também nesse momento, começam a ganhar destaque diversos projetos que objetivam trazer o reconhecimento de uniões entre pessoas do mesmo gênero e de direito à constituição de família, outros que buscam criminalizar atitudes discriminatórias e outros que empenham-se em assegurar a identidade social de transexuais e travestis.

Com a criação em 1995 da ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais), a primeira organização LGBT brasileira e a maior rede do tipo na América Latina e com a latente necessidade de gerar mais visibilidade para a comunidade, abre-se espaço para a criação das Paradas LGBT no Brasil.

## 2.2 GÊNERO, SEXUALIDADE E CORPO POLÍTICO

Para que possamos avaliar as manifestações públicas LGBT, é necessário compreender os conceitos de gênero e sexualidade que são intrinsecamente ligados ao movimento como um

todo. Segundo Louro (1997), é a partir da década de 1960 que os movimentos feministas passam a construir uma base teórica no que se refere a sexo e gênero, considerando os dois termos com definições bastante distintas. Sexo seria apenas uma determinação biológica, ou seja, se o órgão reprodutor com o qual uma determinada pessoa nasceu é referente ao sexo masculino ou feminino. Gênero, no entanto, seria uma construção social, isto é, toda e qualquer definição produzida baseada na determinação biológica, desde tipo de roupa, corte de cabelo até a maneira de se portar e o lugar na sociedade – profissionalmente e socialmente. A ideia de gênero não nega a biologia, apenas afirma, ostensivamente, como as características biológicas foram socialmente e historicamente construídas.

Dessa forma, o debate sobre gênero é realocado para o campo do social, visto que é nesse espaço que as relações entre os sujeitos são produzidas e reproduzidas, sejam elas desiguais ou não. É no contexto histórico, social e cultural, nos ritos e rituais e nas relações entre os sujeitos que se encontra, segundo essas teóricas feministas, as explicações para as desigualdades de gênero. Elas consideram que os papéis feminino e masculino são obtidos através de um aprendizado social, em que cada indivíduo compreende, ao longo da sua trajetória de vida, o que é permitido e adequado para uma mulher ou para um homem dentro de cada sociedade. Assim, o conceito do gênero tem, não só um apelo relacional, mas também passa a ser uma ferramenta política, visto que os sujeitos que desafiam essas normas culturais, estão também estabelecendo relações políticas (LOURO, 1997). É importante, no entanto, compreender o caráter social desses gêneros considerando também o contexto histórico e cultural em que eles estão inseridos. Se os papéis de gênero são um processo, uma construção, a forma como eles serão representados depende, primordialmente, de qual sociedade e de qual momento histórico estamos falando.

Louro (1997) traz também a ideia de que gênero não está apenas nessas determinações de papéis sociais, ela é também parte da identidade dos indivíduos. Os sujeitos possuem diversas identidades – algumas, por vezes, até mesmo contraditórias – que estão em constante transformação. Essas identidades trazem o sentido de pertencimento às pessoas, constituindo-as e fazendo-as sentir como se fossem levadas a rumos diferentes. Nesse sentido,

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o (LOURO, 1997, p.25)

Não só os indivíduos são atravessados pelos gêneros, mas também as próprias instituições políticas, religiosas, educacionais e governamentais. Esses espaços e todas as práticas sociais são “generificados”, ou seja, são construídos a partir das relações de gênero e

de diversas outras relações que perpassam as identidades dos sujeitos. As instituições são também elementos dos gêneros, ou seja, elas também fazem parte da produção das identidades (LOURO, 1997).

Judith Butler (2001) apresenta um contraponto à essa distinção entre gênero e sexo. Para ela, o sexo é também uma construção social que é, ao longo do tempo, naturalizada de forma forçada. O sexo é, assim como o gênero, uma norma, um padrão social e faz parte das práticas regulatórias que controlam os corpos que produzem. A própria necessidade de reiterar frequentemente a norma do sexo significa, para a autora, que a “materialização” desse termo nunca está completa e estática, pelo contrário, está constantemente se transformando e os corpos não estão conformados com as normas definidas. Ela entende que

Se o gênero consiste dos significados sociais que o sexo assume, então o sexo não adquire significados sociais como propriedades aditivas, mas, ao invés disso, é substituído pelos significados sociais que adota; o sexo é abandonado no curso dessa assunção e o gênero emerge não como um termo em uma permanente relação de oposição ao sexo, mas como um termo que absorve e desloca o "sexo" (BUTLER, 2000, p.158).

Isto é, o gênero, sendo o significado social assumido do sexo, acaba por substituir o próprio termo do sexo, visto que, para a autora, não restaria ao sexo o que significar a partir do momento em que o gênero toma a significação social dele.

Sendo gênero mais um ponto constituinte da identidade do sujeito e também uma construção social, não é difícil de compreender as diferentes identidades de gênero que cada indivíduo pode assumir, independentemente do seu sexo biológico. Seja masculino, feminino ou outras considerações que não estão presentes nesse binarismo, tais como intersexo, bigênero, gênero fluido, entre outros.

O pensamento binário de gênero traz a ideia de que masculino e feminino são “pólos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão” (LOURO, 1997, p.31). É fundamental que essa lógica seja rompida, tanto para efeitos de libertação feminina, quanto para abertura de novas possibilidades de se viver as identidades de gênero. “Desconstruir a polaridade rígida dos gêneros, então, significaria problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um. Implicaria observar que o pólo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa” (LOURO, 1997, p.31). Isto é, a discussão e possível desconstrução dessa dicotomia masculino-feminino é essencial para que aqueles que não se encaixam em um desses gêneros (ou se identificam com ambos) não sejam excluídos ou tenham sua identidade negada.

As questões de sexualidade estão umbilicalmente atreladas às de gênero, seja por ambas constituírem-se dentro do espaço privado mas com repercussões públicas, como por estarem

relacionadas, de certa forma, às expectativas sociais dos papéis de gênero. Segundo Jeffrey Weeks (1993), a sexualidade não pode ser compreendida a partir de concepções da “natureza”, pois ela tem sua essência através de processos de construção sociais e culturais. Nesse sentido, “a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo” (WEEKS, 1993, p.6 *apud* LOURO, 1997, p.26). Com a mesma ideia, Michel Foucault (1988) define a sexualidade como uma criação social, sendo constituída através de “múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normalizam, que instauram saberes, que produzem verdades” (LOURO, 1997, p.26). Se a sexualidade é também uma construção social, podemos entender então que isso possibilita que as pessoas possam viver as suas sexualidades de diversas formas, e é através do modo como o sujeito vive a sua sexualidade que a sua identidade sexual será definida.

É relevante ressaltar que, mesmo que em algum momento a identidade sexual e a identidade de gênero sejam definidas, não é possível afirmar que essa será a identidade assumida pelo sujeito durante toda a vida. “Nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção” (LOURO, 1997, p.27). Ou seja, não há um momento específico da trajetória de vida de uma pessoa em que essas identidades são estabelecidas e tomadas como definitivas, pois elas estão sempre sendo constituídas e transformadas.

Ambas identidades – gênero e sexualidade – são tão relacionadas que se torna complicado, por vezes, distingui-las. Porém, essa diferenciação é importante apenas para que possamos compreender que, conforme a combinação de gênero e sexualidade, pode-se ter diversos grupos identitários distintos com demandas bastante específicas. Ou seja, uma pessoa pode se identificar como do gênero feminino e se relacionar com parceiros do gênero oposto, parceiras do mesmo gênero ou com parceiras e parceiros de ambos gêneros. Essas identidades são, no entanto, perpassadas constantemente por outras – como raça e classe – que não tenham, necessariamente, relação direta entre si, mas que, inevitavelmente, se relacionam em algum ponto. Uma vez que as características que compõem um indivíduo não são totalmente dissociáveis, é importante ressaltar que as lutas políticas serão diferentes conforme a combinação de fatores que constituem cada pessoa e que fizeram e fazem parte de suas vivências. Assim, os conceitos de gênero e sexualidade exigem que se pense nos sujeitos de forma plural

acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os

diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 1997, p.23).

Segundo Guacira Lopes Louro (1997), essas diversas combinações, baseadas em classes, gêneros, sexualidade, raças, religiões, idades, etc. podem também trazer arranjos diferentes no que tange a cumplicidade, solidariedade e oposição entre esses grupos. A autoafirmação dessas diferenças pode romper, por um lado, com a lógica reducionista de "homem dominante versus mulher dominada" (LOURO, 1997, p.32).

Butler (2001) entende que todas as afirmações de identidades coletivas são excludentes, visto que, no momento em que um grupo se afirma em alguma identidade, imediatamente estará excluindo algum outro indivíduo. Por exemplo, um grupo pode se afirmar como LGBT e inevitavelmente excluirá desse grupo toda e qualquer outra identidade sexual e de gênero possível, bem como, ignorará as identidades adjacentes – raça, classe, religião, idade, etc – que perpassam a constituição dos indivíduos. Ela entende que “essas desidentificações coletivas podem facilitar uma recontextualização da questão de se saber quais corpos pesam e quais corpos ainda devem emergir como preocupações que possam ter um peso crítico” (BUTLER, 2000, p.156). Em outras palavras, desidentificar os grupos permite que sujeitos não representados possam também ter um espaço de visibilidade.

Por outro lado, a autoafirmação identitária é importante para organização política de um grupo e pode facilitar a projeção de visibilidade, conseqüentemente, auxiliando na conquista dos objetivos.

Um ponto em que ambas teorias convergem é que o corpo que diverge das normas sociais de sexo, gênero e sexualidade de uma determinada sociedade, já está, sem necessariamente realizar uma afirmação clara, se colocando politicamente perante aquela sociedade. O fato de, deliberadamente – ou não –, se diferenciar do que é tido como o normal e correto a se seguir, confere ao corpo um caráter político. Sendo assim, podemos identificar que os corpos que constituem as Paradas LGBT já outorgam a esta o traço político do evento. No sentido de que esses corpos destoantes, por muitas vezes não seguirem padrões de gênero, ocupam um espaço público físico – pois acontece na rua, normalmente em avenidas importantes da cidade – e um espaço público simbólico – ao expôr publicamente, aos olhos dos outros, questões tratadas como privadas, como a sexualidade e a identidade de gênero.



### 2.3 PARADAS LGBT NO BRASIL

As paradas LGBT, também conhecidas como Parada Gay, Parada Livre, Parada de Luta e Parada do Orgulho, são eventos organizados pelos diversos grupos que compõem o movimento LGBT e que procuram visibilizar massivamente a comunidade como um todo. Segundo Facchini (2016), em 1970, surgiram, nos Estados Unidos, as primeiras paradas do tipo, inicialmente organizadas como protestos. Ao longo do tempo, os atos foram se transformando em uma passeata de celebração, orgulho e autoafirmação, mas também de luta por direitos.

No Brasil, a primeira parada nos moldes que temos hoje, ocorreu em 1997<sup>4</sup> em São Paulo, se espalhando nesse formato por todo o Brasil. Segundo os dados da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais - ABGLT (*apud* JESUS, 2010), em 2008 aconteceram 195 paradas pelo Brasil entre 8 de fevereiro e 31 de dezembro, abrangendo todos os estados brasileiros. Conforme a Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (*apud* JESUS, 2010), nesse mesmo ano, a parada de São Paulo reuniu cerca de 3,4 milhões de pessoas, sendo considerado o maior evento desse tipo no mundo.

Jesus (2010) considera que as características atuais das paradas demonstram que elas foram adaptadas à cultura brasileira, se distinguindo ao longo do tempo dos eventos que ocorrem em outros países. A autora traz que a cultura brasileira “sempre possibilitou espaços marginais para a expressão estereotipada das identidades sexuais não-hegemônicas, tais como o Carnaval” (JESUS, 2010, p.57). Para ela, a sociedade brasileira é historicamente homofóbica e transfóbica, sendo frequente a utilização de palavras referentes a pessoas LGBTs como forma de ofensa a outras pessoas. Isso é “uma forma de desqualificação de pessoas ou grupos, a qual tende a desabilitar essas mesmas pessoas ou grupos de um convívio social pleno” (JESUS, 2010, p.61).

Nessa perspectiva, os indivíduos com uma identidade sexual ou de gênero não-hegemônicas são invisibilizados, pois a sociedade não aprova essas vivências como “normais”, limitando os espaços em que esses sujeitos podem viver as suas identidades livremente. Como os carnavais sempre foram um espaço de mais liberdade para a expressão da sexualidade e do gênero desses indivíduos, o aspecto mais carnavalesco das paradas no Brasil é, portanto, uma forma de poder se expressar de forma mais livre em um espaço-tempo específico e determinado.

---

<sup>4</sup> Fonte: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/pge47g/primeira-parada-lgbt-do-brasil](https://www.vice.com/pt_br/article/pge47g/primeira-parada-lgbt-do-brasil)> Acessado em 7 de maio de 2018.

Para além disso, Jesus (2010) traz que os sujeitos se utilizam desse espaço mais visibilizado e, de certa forma, mais legitimado – visto que além de ter o aval das instituições políticas para ser realizada<sup>5</sup>, conta, diversas vezes com patrocínios do próprio governo e de grandes empresas<sup>6</sup>. Além de ser “protegida” pelo próprio estado com o forte policiamento durante todo o percurso – para também reivindicar direitos ainda não obtidos e protestar contra violências.

Moscovici (1981 *apud* JESUS, 2010) traz o conceito de minorias ativas que explana como os confrontos políticos e as relações entre os grupos marginalizados e excluídos e o restante da sociedade colocam em uma progressiva mudança o sistema social. A luta e o poder dos sujeitos oprimidos estão justamente na constante contestação dos poderes simbólicos hegemônicos com o objetivo de transformar a sociedade. As paradas, mesmo que em um processo menos “conflituoso”, são organizadas por essas minorias ativas, que buscam visibilizar os diferentes públicos que compõem a comunidade LGBT, legitimar e credibilizar as sexualidades e gêneros não-hegemônicos, demandar direitos e comemorar a liberdade de expressão de identidade (JESUS, 2010).

Em pesquisa realizada em 2006 na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo por Facchini, França e Venturi (2007), foi traçado um perfil sócio-econômico e político dos participantes desse evento. Para fins de comparação, também utilizaremos nesse trabalho a pesquisa realizada na Parada do Orgulho LGBT de 2017 pela organização VoteLGBT<sup>7</sup> em parceria com a FGV - Fundação Getúlio Vargas e Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação da Universidade de São Paulo. Na primeira pesquisa, foi verificado que 52% dos entrevistados participantes da parada se identificavam como homens e 48% se identificavam como mulheres. Desse número, apenas 2% se identificavam como mulheres trans ou travestis. Já em 2017, a porcentagem de mulheres se manteve a mesma, o número de homens caiu para 45%, pessoas travestis e transgêneros aumentou para 2,6% e 3,5% dos respondentes afirmaram terem outra identidade de gênero que não as citadas acima. Ainda que seja um número bastante pequeno, é interessante verificar que nesses onze anos, houve um aumento do número de pessoas que não se identificam com as identidades de gênero hegemônicas ou que se identificam com ambas.

---

<sup>5</sup> Fonte: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/decreto/2016/5701/57014/decreto-n-57014-2016-inclui-a-parada-do-orgulho-lgbt-no-calendario-de-eventos-da-cidade-de-sao-paulo-de-que-trata-a-lei-n-14485-de-19-de-julho-de-2007>> Acessado em 7 de maio de 2018.

<sup>6</sup> Fonte:<<http://paradasp.org.br/apoglt-anuncia-o-mes-do-orgulho-lgbt-2017-e-os-patrocinadores-21a-parada-do-orgulho-lgbt-de-sao-paulo/>> Acessado em 7 de maio de 2018.

<sup>7</sup> VoteLGBT é um coletivo que realiza campanhas específicas durante as eleições, com o objetivo de trazer ao público quais são os políticos comprometidos com a causa LGBT e também, para seguir um debate sobre a representatividade LGBT nos governos e autoridades políticas.

No que tange à orientação sexual, o número de pessoas que se declararam com uma sexualidade não-heterossexual aumentou alguns pontos percentuais, sendo 65% em 2006 e 70% em 2017. Também houve um aumento no número de pessoas autodeclaradas negras ou pardas, sendo 38% na primeira pesquisa e 40% na segunda. O coletivo VoteLGBT apontou também que, ainda que não sejam maioria frente à porcentagem de pessoas brancas presentes (54,4%), a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo de 2017 foi 16,7% mais negra do que a própria população paulista (34,6% segundo o censo de 2010). Em ambas as pesquisas, o público presente na parada é um público jovem, com 67% das pessoas com menos de 30 anos em 2006 e 78,9% com idade entre 15 e 34 anos em 2017. A escolaridade teve um aumento significativo nesses onze anos. Enquanto que em 2006, 47% dos respondentes haviam cursado - ainda que só parte do curso - ou estavam em andamento com um curso de ensino superior ou mais níveis de escolaridade, em 2017 essa porcentagem subiu para 66,2%.

Por fim, ao serem questionados quais as motivações para participar da parada, 47% dos respondentes em 2006 disseram ser por motivações sociais ou políticas, ao passo de que 50% afirmaram participar do evento por curiosidade, diversão ou para paquerar. Em 2017, no entanto, 79% dos entrevistados afirmaram comparecerem à parada por motivações políticas. Não é possível afirmar com certeza os motivos dessa mudança tão significativa nas motivações para participação na parada. Ainda assim, desde os protestos de junho de 2013, pudemos perceber uma grande movimentação política, levando a diversos protestos e atos políticos significativos espalhados pelo Brasil, seja nos espaços públicos físicos, simbólicos ou virtuais. Acontecimentos como os protestos a favor e contra o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, as ocupações nas escolas em 2015 e em 2016 também nas universidades contra a PEC 241/2016 são exemplos dessa grande movimentação política pós 2013. Além disso, a atuação mais incisiva de parlamentares conservadores e evangélicos contra a comunidade LGBT, lançando projetos como Dia do Orgulho Hétero (2011), Criminalização da Heterofobia (2010) e Estatuto da Família (2013), pode também ter colaborado para uma percepção mais política dos participantes em relação à parada, como forma de defesa e resposta aos “ataques” conservadores.

Ainda que essas pesquisas sejam especificamente sobre a parada de São Paulo, sendo essa o maior evento do tipo no Brasil, é possível identificar um perfil de participantes do evento: pessoas jovens, majoritariamente não-heterossexuais, com um elevado nível de escolaridade e preocupadas com as questões políticas que envolvem o evento. Além disso, a parada se mostra um local com uma maior representatividade de raça.

É por isso que Facchini (2016) compreende as Paradas LGBT como “o fenômeno social e político mais inovador do Brasil urbano”, pois elas reúnem pessoas bastante distintas em um evento único e procuram visibilizar a comunidade LGBT como sujeitos de direitos através do protesto em forma de celebração e autoafirmação identitária e libertária.

### **3 MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS: VISIBILIDADE E ESPETÁCULO**

Os acontecimentos políticos ocorrem em decorrência da organização da sociedade em torno de alguma situação ou problema. A reivindicação e as manifestações públicas tomam forma com o objetivo de cobrar respostas do campo político. Podendo, nesse caso, os governantes tomarem - ou não - alguma atitude, promovendo mudanças políticas ou apenas não respondendo aos ataques (WEBER, 2011).

A mobilização social nada mais é do que a organização desses sujeitos que dividem sentimentos, paixões, problemas e resoluções em torno de uma motivação de interesse público, e se reúnem para mudar uma sociedade - ou parte dela. A partir dessas noções, a seguir abordam-se o que são esses atos políticos, como eles são organizados, como podem se tornar um espetáculo político, e como eles impactam na visibilidade, legitimidade e imagem pública desses acontecimentos e de uma determinada causa.

#### **3.1 AÇÃO, LUTA E CONFRONTO POLÍTICO**

Movimentos sociais são o resultado da sustentação de um ou mais confrontos políticos e ações coletivas organizados por pessoas comuns e apoiados por diversos atores sociais. Os participantes desses confrontos são incentivados por símbolos e orientados para a ação (TARROW, 2009). O processo de coordenar esses confrontos em luta com os opositores, elites e autoridades é o que transforma o confronto em movimento social.

Segundo Tarrow (2009), a ação coletiva de confronto, que pode apresentar diversos formatos, é a base de todos os movimentos sociais e torna-se efetivamente de confronto quando as pessoas que a compõe ordenam as suas reivindicações e agem de forma que provoca as autoridades e as normas. O autor afirma que, apesar dos movimentos terem como base o confronto, não necessariamente esses são violentos ou coordenados por líderes que gostam fundamentalmente de extremismos. O enfrentamento acontece porque na maioria das vezes esse é “[...] o único recurso que as pessoas comuns têm contra opositores mais bem equipados

ou estados poderosos” (TARROW, 2009, p.19). Existe também a habilidade de realizar pressão e confrontar de forma legitimada pelo Estado, no entanto, os confrontos ainda são a grande base dos movimentos sociais. Esse tipo de ação tem força e poder porque afronta diretamente as autoridades e produz sentido para a população, ou parte dela.

O autor traz também que as oportunidades e as restrições políticas são fatores importantes para um confronto ser iniciado ou desencorajado. As oportunidades são um conjunto de situações e condições que estimulam o engajamento dos cidadãos no confronto político. Já as restrições podem ser definidas como barreiras e obstáculos que as autoridades têm capacidade de colocar com o objetivo de dispersar as ações coletivas. São as modificações nas oportunidades e restrições políticas que dão indícios evidentes para a sociedade de quando um confronto político será colocado em movimento e, se sustentado, se tornará um movimento social. E quando temos um ciclo de confrontos organizados em torno de diversas lideranças que são opostas ou múltiplas, o que temos é uma revolução.

Gohn (2011) explica que frequentemente as manifestações e ações são registradas na história brasileira como eventos desordeiros e marginais, mesmo que seu impacto tenha sido grande o suficiente para se tornar um movimento duradouro ou até mesmo uma guerra. Ela fala que, repetidamente, “o Estado brasileiro tratará a questão social como questão de polícia”. (GOHN, 2011, p.62). Por outro lado, outras lutas acabaram se institucionalizando e foram eventualmente consumidas pela política estatal.

As manifestações procuram desordenar, perturbar e desestruturar com seus protestos o Estado ou qualquer que seja o poder político a ser atingido, provando as falhas e fraudes do poder dominante, exigindo direitos e demandas para tornar a sua luta visível e, conseqüentemente, legítima. E é nesse momento de legitimidade que o movimento consegue atingir certas pautas, pois tem ao seu lado o apoio da sociedade, que passa também a condenar as ações do Estado contra o coletivo.

Para além dos conflitos mais diretos, os movimentos também se organizam para elaborar e propagar ideologias, mobilizar os cidadãos, conceber organizações e, principalmente, produzir identidades. Há um reconhecimento nos movimentos por parte das pessoas a partir de diversos símbolos de identificação, como as “[...] palavras, formas de se vestir ou se apresentar e de comportamento privado que traduzam o seu propósito coletivo” (TARROW, 2009, p.21).

Existem movimentos sociais com propósitos e características diferentes, alguns podem buscar uma carnavalização das suas ações e outros incitam a participação por conta da exaltação da multidão. Em ambos os casos, o que move esses grupos de pessoas é o inimigo e/ou objetivo

em comum, bem como a “solidariedade social” (TARROW, 2009, p.21) produzida pelo coletivo. Os movimentos sociais são organizados em torno dos sentimentos de fraternidade e identidade de um coletivo, juntamente, é claro, com os objetivos comuns desse grupo. O comportamento coletivo das pessoas que participam de um confronto é que define se esse resultará ou não em movimento social. É necessário mobilizar o grupo de forma a deixar óbvio para todos os participantes as reivindicações e os inimigos comuns, bem como a identidade que os une para uma determinada ação. Parker e Weber (2016) trazem a diferenciação entre os termos “povo” e “multidão”. Para eles, no povo, as diferenças são quase que apagadas para tornar o coletivo homogêneo, se aproximando da noção de massa e, assim, podendo ser manipulado politicamente de forma mais fácil. Já na multidão, as diferenças são parte essencial, pois é a partir delas que o grupo se une, a multidão “é carne viva que governa a si mesma”. (HARDT; NEGRI, 2005, p.140 Apud PARKER; WEBER, 2016, p.390).

A cooperação entre os participantes é fundamental para o sucesso do confronto e os organizadores precisam elaborar um grande trabalho de encantamento, paixão e/ou fervor para criar o sentimento de fraternidade. Para isso, se utilizam frequentemente de conteúdos ideológicos que promovem tanto o conhecimento da causa e o descontentamento com as condições políticas, como a atribuição de traços “ruins” aos inimigos, independentemente de serem qualidades reais ou não. Segundo Castells (2013), há um conjunto de problemas estruturais e individuais que movem as pessoas para os movimentos sociais. Mas esses nem sempre são autossuficientes para o engajamento fiel dos indivíduos, é necessário trabalhar com a insurgência das emoções positivas e negativas, nesse caso, o entusiasmo e o medo. O primeiro tem a ver com a esperança, que trabalha com a projeção do futuro e de uma possibilidade de vida em sociedade melhor, o que é essencial para que as pessoas se envolvam para chegar no objetivo final do movimento. Por outro lado, se o medo é um sentimento negativo e pode barrar a participação, ele também tem potencial de se transformar em raiva e, conseqüentemente, em ação quando os indivíduos geram empatia entre si, compartilhando seus sentimentos em relação às humilhações, explorações ou falta de representação, superando, assim, facilmente o medo por fazerem parte de um coletivo onde estão todos na mesma situação.

Nesse sentido, o engajamento em ações coletivas não é, necessariamente, uma escolha individual, mas sim o produto da forma como a sociedade foi estruturalmente desenvolvida, segundo Tarrow (2009). Ou seja, há um momento nas ações coletivas em que há um embate tão forte entre um grupo e seus inimigos, que se torna inevitável que os iguais – ou que tenham interesses em comum – se engajem. No entanto, o autor traz também que a efervescência do capitalismo faz com que, muitas vezes, certos grupos que deveriam se rebelar, não se movem

para isso. Pois estes se sentem integrados na “democracia capitalista” (TARROW, 2009, p.29), sentem que fazem parte de um outro grupo ou classe social.

Mesmo que existam diferenças de classe, etnia, gênero e sexualidade entre os membros de um mesmo coletivo ou movimento, a unidade pode se dar por pontos específicos – como a necessidade de reivindicação de um direito social, a luta contra algum tipo de discriminação sofrida, um inimigo em comum, etc – ainda que os objetivos finais não sejam exatamente os mesmos.

Os movimentos se utilizam fortemente de quaisquer meios de comunicação disponíveis e que possam trazer visibilidade para as ações, pois a base deles se dá na comunicação entre as pessoas, no compartilhamento de experiências e no ganho de legitimidade. Castells (2013) considera que as relações de poder entre as elites que possuem o poder e o restante da sociedade é estrutural em todas as instituições e são compostas por um emaranhado de interesses e valores dessas elites. Essas exercem seu poder através de violências simbólicas e físicas, legitimadas ou não e por meios de controle da construção de simbolismo e significação. Em contrapartida, se existe o poder de um lado e nas mãos de um grupo seletivo, certamente existirá tentativas de destituí-lo com o objetivo de pleitear os interesses de quem não faz parte das elites poderosas. A esse processo, Castells dá o nome de contrapoder e considera que essa relação entre os dois lados é essencial para o funcionamento do Estado. O contrapoder deve

reprogramar a organização política, a economia, a cultura ou qualquer dimensão que pretendam mudar, introduzindo nos programas das instituições, assim como em suas próprias vidas, outras instruções, incluindo, em algumas versões utópicas, a regra de não criar regras sobre coisa alguma.” (CASTELLS, 2013, p.27)

Tarrow (2009) diz que a forma como o confronto se dá não surge como algo “inventado” pelos líderes ou organizadores. Há um repertório de ação que é construído culturalmente e socialmente a partir da história de cada sociedade e que, apesar de logicamente ser modificado ao longo do tempo, serve como base para que os participantes saibam como agir nas ações coletivas. A partir desse histórico, os líderes dos confrontos têm que pensar de forma criativa em novas maneiras de engajar pessoas que, do contrário, não estariam participando da ação. É um processo de combinar novas ações com o que já é entendido pela sociedade como formas de confronto. Esse repertório de conhecimentos dos movimentos sociais é, muitas vezes, o único recurso que as pessoas têm para protestar e desafiar as autoridades.

São esses repertórios de confronto que contribuem na construção da legitimidade e confiança que a sociedade tem em relação a um movimento social. Eles auxiliam na condução do movimento para o objetivo final, indicando como as pessoas devem agir coletivamente para que o percurso do movimento faça sentido, tenha visibilidade e agregue mais pessoas. Essas

práticas são compartilhadas através de um processo cultural e estrutural de um determinado grupo, dizendo exatamente o que fazer, como fazer e o que todos esperam que seja feito.

Ainda que as ações de um confronto político falhem em seus objetivos mais evidentes, elas impulsionam transformações políticas e culturais na sociedade civil. Segundo Parker e Weber (2016), temas que são considerados polêmicos ou sensíveis geram debates públicos, com diferentes níveis de repercussão e atuação. Mesmo que o processo corra por fora da institucionalidade, os movimentos sociais têm grande força para influenciar a política e a opinião pública. Nesse sentido, a única forma de se medir os resultados e as significações de um movimento social “é a produtividade histórica e social de sua prática e seu efeito sobre os participantes como pessoas e sobre a sociedade que ele tentou transformar.” (CASTELLS, 2013, p.29)

O confronto é “a forma de expressão momentânea de um processo social” (GOHN, 2011, p.8), ou seja, há um longo processo de organização e identificação dos movimentos sociais que normalmente são expostos (ou ganham visibilidade) apenas nas ações coletivas e nos confrontos políticos. Mas há um contexto de construção do movimento que une causa justa e reconhecida com comunicação atrativa, eficiente e carregada de significações e símbolos.

### 3.2 OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E VISIBILIDADE

Antes de compreendermos os impactos da ocupação dos espaços públicos por parte das manifestações públicas, é necessário interpretarmos os sentidos de esfera pública e esfera privada, vida pública e vida privada. Podemos tomar como parte da esfera privada tudo que uma sociedade entende como o que deve ser oculto, pessoal e íntimo. Por outro lado, aquilo que deve ser compartilhado com todos, que seja de interesse público e que deva ser visível é entendido como parte da esfera pública. De acordo com Arendt (1983 *apud* JOVCHELOVITCH, 2000), o termo público tem dois significados: pode ser considerado aquilo que pode ser compartilhado e visto por todos, tendo uma grande visibilidade. Também pode ser entendido como o “[...] próprio mundo enquanto algo que é comum a todos os seres humanos e se diferencia do lugar privado que cada pessoa ocupa nele” (JOVCHELOVITCH, 2000, p.49).

A noção de esfera pública, segundo Jovchelovitch (2000), só pode ser compreendida se relacionada à noção de esfera privada, visto que uma só existe em relação à outra, independentemente dos diferentes significados que cada uma tenha adquirido ao longo do tempo. Para ela “a vida pública não é uma estrutura externa influenciando a vida privada, mas



um de seus elementos constituintes” (2000, p.43) e tem parte fundamental na composição social e psicológica dos indivíduos e do coletivo como um todo. É verdade que se torna difícil definir o que cada esfera comporta especificamente quando entendemos que depende das realidades e momentos históricos de cada sociedade e da forma como cada uma se desenvolveu culturalmente. Todavia, toda e qualquer sociedade necessita de uma esfera para definir a outra, já que se trata de uma relação dialética entre o que é partilhado e o que é privado. (JOVCHELOVITCH, 2000).

Apesar das diversas mudanças ao longo do tempo no que deve ser público e no que deve ser privado, os significados de cada esfera não se modificaram muito. Sendo assim, “o sentido do privado – esconder, subtrair do domínio público – é o mesmo; mas as fronteiras e o conteúdo mudaram, porque o que antes estava subtraído [...] agora faz parte do debate público” (JOVCHELOVITCH, 2000, p.46). O que define onde se encaixa cada aspecto da vida é o tempo-espaço e a construção cultural de cada sociedade. Na Grécia Antiga, segundo Esteves (2011), o público e o privado eram completamente opostos, quando o espaço público era sinônimo de política – e, conseqüentemente, de liberdade – e nessa esfera debatiam-se todos os temas referentes à vida em coletivo, era “o âmbito do exercício do poder” (ESTEVES, 2011, p.168). Ainda que fossem as mesmas pessoas circulando por ambas esferas, as funções de cada um nos dois domínios eram bem definidas e distintas. Se, no espaço público, o homem era apenas mais um cidadão dentre outros discutindo e fazendo política, no âmbito privado ele exercia todo o seu poder sobre quaisquer outras pessoas que constituíam esse espaço, como crianças, escravos e mulheres.

Para o autor, esses são os traços mais importantes para diferenciar o espaço público clássico do espaço público moderno. No segundo, a dimensão pública passa a ter uma associação maior à esfera privada e a liberdade do espaço público é atravessada também por uma configuração mais individualista e autônoma das pessoas, mesmo que em uma vida em coletivo. A mediação e relação entre os dois espaços passa a ser realizada diretamente no espaço público e questões antes privadas começam a ser levadas para esse âmbito como forma de luta e debate político. A sexualidade dos indivíduos é um exemplo de um objeto antes considerado privado e que deveria ser escondido, mas que foi tomando parte do debate público. O fato das Paradas LGBT ocorrerem desde sempre em espaços públicos e serem tão afrontosas em relação aos costumes, faz parte de uma série de tentativas para trazer a questão da sexualidade e do gênero para a esfera pública. São os atores sociais que definem como e onde esses assuntos serão alocados e é a partir dessas realocações de objetos entre os espaços público e privado que as relações e modos de agir são ressignificados.

Segundo Jovchelovitch, todos os temas indispensáveis da vida dependem de debates e negociações da diversidade que só podem ser realizados em coletivo, mesmo que sejam assunto de cunho individual e/ou privado. O espaço público existe, primordialmente, para que as discussões de interesse público possam ocorrer e para que embates possam ser resolvidos, a vida pública “[...] envolve e constrói mecanismos que devem dar conta da diversidade que nela se expressa” (JOVCHELOVITCH, 2000, p.49). É justamente a diversidade e a pluralidade humana que justifica toda e qualquer ação e discurso político, pois se todos fossem iguais, não seria necessário estabelecer debates e diálogos para modificar o curso da sociedade. Por outro lado, as pessoas também não são completamente diferentes e sem nenhum ponto em comum, pois dessa forma, os discursos e ações não atingiriam nenhuma base. O espaço público busca seu sentido justamente na multiplicidade de perspectivas e na constante luta pelo consenso entre as pessoas. Ainda que elas tenham sim pontos em comum, cada uma tem uma função distinta na esfera pública e a única forma de consenso mora justamente no diálogo e na ação política.

Esteves (2011) traz também o conceito de “públicos” em comparação com as ideias de multidão e massa. Ele diz que os públicos podem agir de forma menos impulsiva que as multidões e podem, talvez, ter um efeito menos arrebatador nas suas ações. Porém, por outro lado, as suas ações serão mais persistentes e articuladas estrategicamente. Isso, porque nos públicos há uma junção de diversas perspectivas, opiniões e valores que são trabalhados através da comunicação e da argumentação dentro desse grupo para que se possa chegar a um consenso razoável que forma o que o autor chama de opinião pública. Essa coesão tem também um caráter não necessariamente físico, mas sim simbólico, que “confere o traço essencial da identidade específica dos diferentes públicos concretos [...]” (ESTEVES, 2011, p.149). É importante, porém, ressaltar que o fato dos públicos chegarem a um consenso não significa que as individualidades são excluídas ou ignoradas, pelo contrário, uma das características é justamente a valorização da individualidade de cada um dos membros.

Nesse sentido, Hannah Arendt diz que “a política baseia-se na pluralidade dos homens” (ARENDR, 2007, p.21). Ou seja, ela é essencialmente a troca, a relação e a coexistência de pessoas diferentes entre si buscando – ou não – demandas em comum. O ser humano, para ela, é apolítico e a política existe apenas na relação entre as pessoas.

Essa relação estrutura-se com base na comunicação dos públicos, especialmente quando à volta de um tema ou problema compartilhado por esse grupo e que motive o engajamento das pessoas para a ação. Segundo Esteves (2011), um dos pontos primordiais de um público é a formação da opinião, pois é através desse processo de comunicação e troca de ideias e opiniões diferentes que os públicos tomam forma. “[...] os públicos constituem, em certa medida, o

gérmen do espaço público e da opinião pública – e assim, também, necessariamente, da comunicação pública” (ESTEVEES, 2011, p.154). Como citado anteriormente, a individualidade nos públicos é muito valorizada, pois são as diferenças de perspectivas que possibilitam a dinâmica comunicacional dos públicos e que criam novas opiniões que podem ser, posteriormente, colocadas em circulação e/ou postas em ação. Oportunizando, assim, a formação da opinião pública e a transformação social. Importante ressaltar, no entanto, que nem sempre um determinado grupo consegue atingir o seu objetivo final, mas é o debate dos argumentos e o intercâmbio de valores que movem os públicos e motivam a participação das pessoas, mesmo que não exista uma certeza quando e se será possível chegar ao seu objetivo e quais serão os resultados exatamente.

As formas como as relações e a sociabilidade acontecerão no espaço público são, em geral, definidas pelos públicos. Visto que o domínio público depende da junção de diversas pessoas distintas para tomar forma, o seu dinamismo é baseado na diversidade de perspectivas e na expressão de diferentes individualidades. É nesse espaço, não necessariamente físico, em que os símbolos de um determinado grupo de indivíduos poderão ser projetados publicamente. Esteves (2011) diz que o traço mais significativo do espaço público é justamente o poder que ele tem de transformação social, seja em estrutura, em leis ou em processos de organização.

Os protestos, em geral, são realizados em ruas e avenidas importantes e/ou próximas aos prédios que comportam os três poderes do Estado. Não só pelo movimento de pessoas e visibilidade que se pode atingir, mas também pela simbologia de desafiar a autoridade no seu espaço. O embate político entre os movimentos sociais e o Estado se dá não só no conflito físico, mas também na luta pela significação, muitas vezes vencida pelo Estado que detém todos os meios de repressão. Nesse sentido, “a mesma cidade, portanto, que exclui, oprime e segmenta os cidadãos, dá corpo a novas formas de contestação. [...] O conflito, o dissenso, funciona como um motor que põe as engrenagens da História em funcionamento [...]” (PARKER;WEBER, 2016, p. 394). O espaço público serve como o local onde todos os interesses individuais e demandas privadas são organizados e transformados em reivindicações coletivas, fortalecendo cada vez mais a ação coletiva, oferecendo visibilidade aos movimentos e colocando dentro do protesto até mesmo indivíduos que estão fora da organização. (PARKER; WEBER, 2016, p.384).

Os movimentos sociais precisam construir, simbolicamente, no espaço público, um local apto para que as manifestações se relacionem com a sociedade e com os poderes públicos, ganhem visibilidade e criem sua comunidade. Ao tomar esses espaços, apossados majoritariamente pelas elites e seus interesses, os movimentos afrontam diretamente as

fronteiras pré-estabelecidas. Manuel Castells (2013) diz que, historicamente, nos movimentos sociais, viram-se diversos confrontos que basearam suas ações erguendo barricadas nos espaços públicos e que poucas dessas foram realmente efetivas na defesa, visto que eram alvos fáceis. No entanto, elas traziam um valor simbólico de ocupação de espaço público e transgressão de normas e burocracias para os indivíduos que participavam, trazendo pessoas que talvez não se identificassem exatamente com as ideologias do movimento, mas sim com a ocupação da cidade, com a contestação do seu próprio espaço. “O controle do espaço simboliza o controle da vida das pessoas” (CASTELLS, 2013, p.19), ou seja, quando os indivíduos tomam o controle do espaço público, eles também têm o domínio das suas próprias vidas. Com o espaço público se tornando uma referência simbólica para os movimentos, ele passa a ser também um espaço político, palco de assembleias e deliberações para a reivindicação de direitos.

A ocupação dos espaços públicos é uma estratégia política dos movimentos sociais e possibilita que a luta, o debate político e a manifestação de diversas pessoas tomem proporções maiores. Isso também porque o espaço público imortaliza para as gerações seguintes a história dos acontecimentos da vida humana pública, transformando em narrativas as ações humanas e suas significações. A ocupação desses espaços permite a permanência dos movimentos sociais e fornece “as condições não apenas para estabelecer as preocupações comuns do presente, mas também para identificar o que o presente deve ao passado e quais as esperanças que nutre em relação ao futuro” (JOVCHELOVITCH, 2000, p.50).

A luta no espaço público, seja ele físico ou simbólico, é essencialmente uma luta pela visibilidade. Segundo Márcio Simeone Henriques (2012), embora todo o processo de mobilização não deva ser considerado apenas pela parte desse que é visível, é inegável que um ato político tem a visibilidade como o artifício fundamental para gerar novas opiniões públicas, conquistar engajamento de mais indivíduos e posicionar o movimento e seus ideais perante a sociedade. A concretização de um grupo de pessoas mobilizadas depende essencialmente da sua eficiência em publicizar e visibilizar a sua luta política e seus interesses. Mais do que isso, o grupo precisa trabalhar de forma a expor que seus interesses são públicos, são importantes para uma boa parte da sociedade, entendidos como uma necessidade geral e que a mobilização por esses interesses trará bons frutos a todos. É nesse ponto que as relações entre esfera pública e esfera privada – e o que faz parte de cada uma – são tensionadas. Visto que é necessário colocar em visibilidade e, posteriormente, em discussão nos espaços públicos algo que, pelo senso comum, entende-se como do âmbito privado. Uma das formas mais evidentes de alcançar essa visibilidade é a “tomada” por parte dos públicos manifestantes dos espaços públicos

físicos. No entanto, o caráter simbólico desses espaços públicos também é essencial para a manutenção dos interesses públicos em relação a uma determinada demanda.

O autor traz também que existe um jogo entre momentos de visibilidade e outros momentos de “incubação” das mobilizações, quando o grupo se fecha para pensar, debater em conjunto, elaborar meios alternativos de solução para os problemas que se propõe a lutar e criar novos símbolos culturais. Após esse período vem o momento de visibilidade, em que se expressam publicamente as questões de interesse público, bem como suas soluções e modelos alternativos aos problemas.

Tendo a visibilidade essa relevância tão grande para a continuidade de uma luta política, torna-se evidente como toda a mobilização dos públicos é permeada por diversos e constantes processos comunicacionais, tanto entre os próprios membros do grupo – para gerar vínculo e, conseqüentemente, garantir a estabilidade do movimento e para debater e chegar a consensos quanto aos interesses –, como do grupo para o restante dos públicos que compõem a sociedade, com o objetivo de engajar mais pessoas e de criar uma boa imagem do movimento. Ou seja, durante todas as fases de uma luta política, podemos dizer que “[...] a comunicação é, sob este ponto de vista, um elemento-chave para a compreensão dos processos mobilizadores” (HENRIQUES, 2012, p.5).

A constituição de uma imagem pública dentro do espectro da política envolve, primordialmente, disputas de poder entre o próprio campo político, campo dos media e a sociedade. A imagem pública dos atores e os acontecimentos políticos são balizados pela junção do que é visível e o que é escondido dos públicos, bem como pelas relações de poder político, mediático e financeiro – é mais possível administrar uma imagem pública quando se tem essa tríade, mas não é viável limitar totalmente a formação de imagem, visto que, nesse caso, tratar-se-ia de um processo de controle e censura (WEBER, 2009).

A busca pela visibilidade na política é uma constante e alcançar o espaço do visível também é um jogo de disputas de poder frequente. No entanto, ter visibilidade não é o mesmo que construir uma boa imagem pública, é apenas parte desse processo que envolve, além das disputas de poder concreto e tangível, uma luta pelo poder simbólico e pelo espaço no imaginário dos espectadores. A imagem pública é uma construção de diversos discursos que os atores políticos lançam ao espaço público sobre si, juntamente aos discursos que seus adversários e os *media* constroem e divulgam. Importante ressaltar que essa construção da imagem pública se dá na recepção desses discursos pelos públicos, pois são eles que vão interpretar esses símbolos e construir, a partir disso, uma imagem pública simbólica. Sendo

assim, ainda que haja um grande esforço por parte dos poderes políticos, a imagem pública não é controlável. Nesse processo, há uma corrida e uma busca pela legitimidade dos discursos para que as intenções de visibilidade surtam efeito e impactem positivamente na constituição da imagem. Ainda que a imagem pública seja essencial para o andamento da comunicação política e boa parte do processo da política – seja ele relacionado aos próprios políticos, a partidos, a organizações ou a movimentos e manifestações – dependa de uma visibilidade positiva para se manter dentro do jogo, é seguro afirmar que os resultados e impactos das ações na imagem pública são pouco controláveis. Visto que todo esse processo tem relação direta com referências e contextos culturais dos indivíduos e possuem, muitas vezes, um forte apelo emocional (WEBER, 2009; 2004).

Os movimentos sociais, as manifestações, os atos e lutas políticas dependem da visibilidade e de uma construção positiva de imagem pública para gerar credibilidade e legitimidade para o seu discurso com o objetivo de reforçar suas críticas ao sistema vigente e suas ideologias, bem como buscar engajamento de novos públicos e alianças para a causa. Nesse sentido, “a condição pública [...] não deriva simplesmente da visibilidade conferida a uma causa. Ela depende também da formação e da movimentação de públicos que possam publicamente sustentá-la” (HENRIQUES, 2012, p.10). Para que isso seja possível, esses grupos buscam trabalhar com a comunicação estratégica para “produzir opiniões públicas e privadas, apoio, adesões, participação direta e indireta; geração de votos; aquisição de objetos e idéias; ocupação de espaços informativos e relações com as mídias” (WEBER, 2004, p.267). Nessa medida, a comunicação acaba sendo um fator fundamental para a manutenção e sobrevivência das mobilizações no campo político, constituindo, assim, uma disputa constante pela visibilidade e pelo poder nos espaços públicos físicos e simbólicos.

### 3.3 ESPETÁCULO POLÍTICO

O espetáculo, segundo Rubim (2004), é parte intrínseca da política, dos poderes políticos, das práticas sociais e do próprio agir humano, se confundindo com estes ao longo da história. No que tange a política, mais precisamente, o espetáculo está ligado ao funcionamento das instituições políticas antes mesmo do surgimento da política na Grécia antiga. Isso, porque a política – e aqueles que se utilizam dela – sempre buscou meios de legitimar o seu poder, utilizando, na maioria das vezes, o recurso da violência física e simbólica. Porém, o

convencimento, o apelo emocional e a contestação surgiram, ao longo do tempo, como alternativas de manutenção e legitimação do poder e busca de soberania. Dessa maneira, o espetáculo entra como uma possibilidade de expressar massivamente e publicamente a afirmação e a disputa pelo poder, através de recursos que produzam convencimento a partir de diversos aspectos, tais como: apelo emocional, visibilidade, estético e argumentativo.

Segundo Weber (2011), para que o espetáculo político exista, é essencial que aconteça em um espaço físico ou simbólico, de forma que o participante possa se enxergar e enxergar os outros e se identificar como pertencente a esse coletivo. Nesse sentido, as cerimônias, regras e rituais são criadas para facilitar a identificação coletiva e para despertar a passionalidade dos indivíduos, convidando a todos a expressarem publicamente suas paixões referente às ideologias do grupo. Esse tipo de evento tem, por objetivo, a busca pela legitimidade e credibilidade e consenso quanto a alguma ideia ou luta. É através dos espetáculos que é possível integrar, mesmo que temporariamente, os governantes e a sociedade.

Todo espetáculo é, antes de poder ser considerado como tal, necessariamente um acontecimento público. Estes são todos os pertinentes ao interesse público – como manifestações, atos políticos, escândalos, eventos esportivos, entre outros – podendo ter relação direta com políticas públicas, com cerimônias e rituais de vida e morte e causando impacto nos públicos. É justamente este último ponto que define essa passagem do acontecimento público ao espetáculo político, visto que

Quando um acontecimento – programado ou inusitado – é suficientemente poderoso para provocar impactos na vida dos indivíduos e na sociedade, ele se impõe aos meios de comunicação de massa e atrai as instituições políticas e essa convergência permite identificar a existência de um espetáculo hibridizado entre a política e a mídia [...] (WEBER, 2011, p.190)

Ou seja, é necessário que o acontecimento tenha possibilidade de ser econômico, político e simbolicamente rentável, que produza a comoção e a passionalidade dos públicos, que gere repercussão do ponto de vista midiático e que combine, no evento, as esferas pública e privada, política e midiática. Esse tipo de evento tem capacidade de engajar diferentes públicos, desde os indivíduos até a instituições políticas e midiáticas, ocupando espaços públicos e midiáticos, gerando reações e visibilidade e alterando o cotidiano da sociedade. A esse processo, da passagem do acontecimento público ao espetáculo político, dá-se o nome de espetacularização da política. Esse processo tem relação direta com a centralidade da mídia na sociedade contemporânea e com a ligação desta com a política hoje (WEBER, 2011). Entretanto, como comentado anteriormente no texto, ainda que a evolução dos meios de comunicação tenha colaborado inerentemente para a midiatização dos acontecimentos

públicos, os espetáculos existem e são utilizados como alternativa de produção de legitimidade do poder político há muito tempo.

A origem da palavra espetáculo já deixa explícita a intencionalidade do evento. Segundo o dicionário Aurélio, espetáculo significa aquilo que é “objeto da nossa atenção ao ver”, aquilo que gera contemplação, representação teatral. A raiz semântica dessa palavra no latim – *Spectaculum* – “tem como significado tudo que atrai e prende o olhar e a atenção” (RUBIM, 2004, p.192). Todas essas definições, como afirma Rubim, deixam evidente a relevância do olhar para a relação espectador-espetáculo, exigindo do espectador um olhar atento e contemplativo para o evento. Ainda que existam outros sentidos importantes na concepção do espetáculo e na relação deste com o espectador, tais como o tato, o olfato e o gosto, “o olhar se nos apresenta então, em todos os casos, como o sentido rei, como aquele sobre o qual o sujeito se constitui em espectador” (REQUENA, 1988, p. 57 *apud* RUBIM, 2004, p.192). Sendo o olhar o sentido mais significativo para essa relação, Rubim (2004) traz que é necessário que o acontecimento se constitua de processos de sedução, encantamento e atração, de forma a prender a atenção e o olhar do espectador para o evento, tornando-o essencialmente espetacular.

Por isso, o espetáculo deve ter, necessariamente, um caráter público e deve ser realizado em espaços públicos – sejam físicos, virtuais ou simbólicos –, dado que essa é a forma possível de atrair o olhar dos indivíduos. Parte essencial da sedução é a surpresa que o evento causa. O acontecimento precisa ser excepcionalmente diferente do cotidiano e do que é naturalizado, uma vez que o que surpreende, naturalmente, prenderá a atenção e transformará o acontecimento em espetáculo. Nessa medida, “o espetáculo político-midiático significa o movimento e a ocupação do espaço de modo a mostrar algo não usual, algo não cotidiano [...]” (WEBER, 2011, p.197). Essa quebra do cotidiano, no entanto, não significa a instauração de um caos completo, sem quaisquer regras e normas sociais, mas sim que, por um período de tempo específico, essas normas serão suspensas e outros preceitos serão considerados. O espetáculo tem, por base, meios específicos de funcionamento que, proporcionam um modo incomum de agir e experienciar os ambientes público e sociocultural.

A plasticidade visual dos espetáculos é um recurso essencial para que a produção do espetacular ocorra. Podendo ser associada aos efeitos sonoros, ao exacerbamento do evento e da dramaticidade dos apelos emocionais. Ainda assim, é no campo da visão em que ficam as possibilidades mais viáveis de encantamento e sedução,

os movimentos, os gestos, os corpos, as expressões corporais e faciais, o vestuário, os cenários, a sonoridade, as palavras, as pronúncias, as performances; enfim, todo esse conjunto de elementos e outros não enunciados têm relevante incidência na atração



da atenção, na realização do caráter público e na produção das simbologias e dos sentidos pretendidos com o espetáculo (RUBIM, 2004, p.193-194).

Esse conjunto de recursos plásticos-estéticos utilizados pelos espetáculos e a demarcação do acontecimento nos signos e na estética da mídia os colocam como eventos híbridos culturalmente e politicamente falando. Um acontecimento cultural pode ter um traço mais institucional, uma vez que são, normalmente, patrocinados por instituições públicas e privadas, têm uma possibilidade evidente de gerar lucros e possibilitam uma imagem pública positiva das organizações envolvidas e do próprio evento. O espetáculo político-cultural tem uma grande dependência do investimento político e financeiro. Ademais, ele tem também um caráter mais festivo e traz sentimentos significativos como o prazer e alegria para dentro do espectro da política. E é justamente nesses sentimentos que mora a importância do acontecimento político-cultural (WEBER, 2011).

Rubim (2004) apresenta os quatro modelos de espetáculos, definidos por Jesús Requena: carnavalesco, circense, cena italiana e cena fantasma. O primeiro é caracterizado

por uma cena aberta, indefinida, na qual se movem o sujeito que olha e o corpo que se exhibe constantemente, intercambiando, de modo contínuo, os lugares que ocupam e os ângulos de visão possíveis. [...] em que os participantes não estejam plenamente distinguidos em espectadores e em protagonistas. (RUBIM, 2004, p.195-196)

No tipo circense, os espectadores se organizam em torno dos protagonistas de forma a fechar a cena. Não há confusão entre os papéis, o espectador se coloca exclusivamente como observador da excentricidade do protagonista e de um modo arbitrário em relação à cena que ocorre. Já a cena italiana é um modelo de espetáculo que rompe com a ligação entre espetáculo e rua, pois todo o seu espaço é organizado de forma que o palco ou espaço onde a cena ocorre esteja em um campo de visão privilegiado do espectador, pois assim ele tem um controle visual do espetáculo. O teatro é um exemplo desse modelo. Por fim, o autor fala do estilo da cena fantasma, que comporta os espetáculos marcados especificamente pela tecnologia, tais como o cinema e a televisão. Esse modelo é espacializado de forma parecida com a cena italiana, porém incorpora ao espetáculo os aparatos tecnológicos que são responsáveis por trazer as imagens que fazem parte do espetáculo.

Guy Debord (1997) apresenta em seu livro “A Sociedade do Espetáculo” diversas críticas à espetacularização da política. Nas palavras dele “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p. 14). Ou seja, o espetáculo seria a “prova” de como o capitalismo tomou conta da vida social, tornando, dessa forma, o espetáculo como um produto do capitalismo e, conseqüentemente, escravo do capital. Sendo assim, um espetáculo político não poderia ser apresentado senão na

lógica e na estética da mídia e do capitalismo, e não teria autonomia o suficiente para se manifestar contrário ao sistema ao qual pertence. Nesse sentido, Debord entende que a espetacularização da política implica, inevitavelmente, na despolitização do poder político, uma vez que este acaba por ser gerido por instituições que não fazem parte da política, como a mídia e o entretenimento.

Junto a isso, há também a ideia de que o espetáculo não poderia ser aceito como uma manifestação cultural, “porque instalada na zona, levemente culpada, do divertimento” (ECO, 1984, p. 214 *apud* RUBIM, 2004, p.198). Rubim (2004) compreende que essa não aceitação evidencia dois pontos característicos da desigualdade do capitalismo: “o elitismo cultural e a mitificação do trabalho” (RUBIM, 2004, p.198). Essa ideia vai ao encontro com as críticas que Rubim faz em relação a essa visão pessimista que Debord tem sobre os espetáculos. Ele justifica dizendo que a política – e seus atores e instituições – sempre precisou projetar a sua imagem de forma a alcançar visibilidade na sociedade para fins de legitimação do poder. Dessa forma, é inevitável que, com a midiaticização, a política precise assumir uma linguagem mais plástica visualmente para que a visibilidade possa ser atingida. Além disso, Rubim elucida que a política – midiaticizada ou não – e a própria vida social não existem sem encenações e rituais pré-determinados. O espetáculo e a diversão são inerentes e fundamentais para uma sociedade humana. Cada âmbito tem seus ritos carregados de dramaticidade e teatralidade, e esses são elementos essenciais para a existência da sociedade. Os períodos eleitorais, as posses de um cargo político, os protestos e atos públicos e quaisquer outras manifestações políticas, sejam estas anteriores ou posteriores à constituição de uma sociedade midiaticizada, sempre foram marcadas fortemente pela encenação. Ou seja “[...] essas manifestações são, a um só tempo, ação (articulação pragmática entre meios e fins) e atuação (enunciado simbólico): rito, teatro e, por vezes, festa” (ARANTES, 2000, p. 88 *apud* RUBIM, 2004, p.190).

Por fim, o autor compreende que as transformações sociais que as manifestações públicas – e dentre elas o espetáculo – podem trazer para a sociedade não serão definidas pela plasticidade ou espetacularidade do evento, mas sim pela força que o espetáculo tenha para acionar e engajar novos públicos capazes de, juntos, efetivarem a pressão necessária para que as suas demandas sejam escutadas e atendidas.

Weber (2011) justifica dois pontos que são imprescindíveis para a grandiosidade do espetáculo e sua força política: a passionalidade e a mídia. “A paixão é entendida como o único capital indestrutível diante do poder de manipulação dos discursos da política, da sedução dos objetos e da moral midiática” (WEBER, 2011, p.202), ou seja, é esse sentimento que faz com

que os acontecimentos públicos e todos os eventos que acontecem nele tenham um poder simbólico muito mais significativo. Ela contagia os indivíduos e os move em direção ao objetivo principal, ela pode tornar as tragédias mais tristes e os eventos festivos mais alegres; consegue intervir e constranger os poderes políticos. Com relação à mídia, a autora expõe que é através da intervenção desta que os espetáculos serão intensificados, podendo “reunir e mobilizar milhões de pessoas sem que estas se encontrem e sem que vejam o mesmo espetáculo” (WEBER, 2011, p.197). Essa hibridização do espetáculo político-midiático é que fortalece os processos de legitimação e credibilidade, lançando o acontecimento a uma grande visibilidade, pois a mídia consegue comercializar o espetáculo para um público muito maior. Com isso, a imagem pública é partilhada entre o evento e todas as instituições que se apropriaram e se associaram a ele.

Nesse sentido, por fim, entendemos que no processo de busca por visibilidade por parte das manifestações públicas, especialmente no que tange as de rua, diversos pontos são essenciais para a construção de imagem, legitimidade e garantia de permanência do grupo e suas demandas: da ocupação dos espaços institucionais dos poderes públicos como forma de reivindicar a cidade ao investimento em cenas e atos espetaculares.

## 4 VISIBILIDADE E PODER NAS PARADAS EM PORTO ALEGRE

### 4.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A cidade de Porto Alegre tem, hoje, duas paradas organizadas: a Parada Livre, que normalmente acontece no mês de novembro e a Parada de Luta LGBTI, que acontece sempre próximo ao dia 28 de junho, data em que se comemora o Dia do Orgulho LGBT em virtude do aniversário dos protestos de Stonewall. Com o objetivo de compreender como essas duas paradas se apresentam em seus canais oficiais de divulgação, bem como para compreender à luz dos conceitos de espetáculo, a inserção das Paradas como atos políticos; para apontar as diferenças e/ou semelhanças de apresentação entre as duas Paradas de Porto Alegre; e para analisar como essa apresentação pode impactar na imagem pública dos eventos e da comunidade LGBT, decidiu-se trabalhar com a página oficial do Facebook de cada um dos eventos.

Para realizar a análise desse conteúdo, esse trabalho se utilizou de três abordagens metodológicas. A primeira, análise histórico-descritiva, foi realizada através do levantamento de informações históricas sobre as duas paradas, se utilizando de diferentes notícias veiculadas sobre os eventos, o livro “Nuances 25 anos: uma trajetória inconformada com a com a norma” - que conta a história da Parada Livre e parte da história da Parada de Luta LGBTI - e as próprias páginas oficiais no Facebook: <https://www.facebook.com/paradalivrepoa> e <https://www.facebook.com/paradadelutalgbt> respectivamente..

Também foi utilizada para compor esse processo uma entrevista realizada pela autora no dia 16 de maio de 2018 com Roberto Steinfus, um dos organizadores da Parada de Luta LGBTI. A entrevista está transcrita por completo no apêndice A e foi composta por quatro perguntas, cujo objetivo era compreender quando, como e por que essa manifestação havia sido criada. Realizaram-se algumas tentativas de contato com a organização da Parada Livre de Porto Alegre para obtenção de entrevista, porém não foi possível obter o contato direto da organização. Assim, o livro citado acima, que foi escrito por um dos organizadores desse evento, foi utilizado para trazer a visão da organização dessa parada.

Por fim, a terceira abordagem metodológica utilizada foi a cartografia, que traz a “possibilidade de construir uma percepção diferenciada sobre os objetos do campo” (ROSÁRIO, 2008, p.206), justamente por buscar uma conexão ao objeto e perspectivas não tão “duras” e previamente direcionadas. Esse método exige, assim como outros, uma organização

de critérios e a construção de um mapa do estudo, porém com a ideia de que esse mapa estará em constante transformação e nunca totalmente finalizado. Segundo Rosário (2008), não há um modelo exato a ser seguido na construção desse roteiro de estudo, portanto, a cartografia exige que o pesquisador busque inventar a sua maneira de pesquisar. A autora ainda diz que esse é um processo bastante particular e único, dependendo essencialmente da experiência desse pesquisador.

Inicialmente, ambas as páginas oficiais das paradas no Facebook foram analisadas e descritas como um todo, considerando a estética (fotos de capa e perfil) e as abas referentes a eventos, apresentação da página (sobre), fotos e vídeos. Após, para análise das publicações, como sugere Rosário (2008), foram selecionados os critérios que nortearam a análise. Segundo a autora, o critério “vai ser criado de acordo com a amplitude que a pesquisa apresenta e com o grau de intensidade que o investigador e sua amostra - se ela existir - são capazes de suportar” (ROSÁRIO, 2008, p.208). A proposta do trabalho é de realizar um panorama dessas postagens, sendo inicialmente considerado o ano todo de 2017 para que esse objetivo fosse cumprido. No entanto, com o elevado número de publicações, foram selecionados o mês anterior à realização de cada uma das paradas de 2017, o mês em que o evento ocorreu e o mês posterior. Para a Parada Livre, realizada em 26 de novembro de 2017, foram considerados os meses de outubro, novembro e dezembro e, para a Parada de Luta LGBTI que aconteceu em 02 de julho de 2017, os meses de junho, julho e agosto.

É evidente que o processo de escolha desses critérios gera, de uma forma ou de outra, uma série de cortes e restrições para a análise, entretanto, esses meses foram selecionados seguindo o critério de pertinência para o trabalho, visto que se considerava ser o período em que haveria um número significativo de publicações específicas sobre as paradas de 2017.

Ainda, como indica Rosário (2008), ao realizar o levantamento de todas essas publicações e estabelecer a primeira conexão com o objeto de estudo, foram-se criando regras para orientar a análise, tais como as categorias dos tipos de publicações de cada uma das páginas. A partir desses processos, então, foi construído o mapa que reúne os elementos levantados de ambas as paradas.

## 4.2 PARADA LIVRE DE PORTO ALEGRE

### 4.2.1 Histórico

A história da Parada Livre se confunde com a história do próprio grupo organizador do evento, o grupo Nuances. Segundo o livro “Nuances 25 anos: uma trajetória inconformada com a norma”, escrito por Célio Golin (2017) - ativista LGBT e um dos fundadores do grupo - o início do movimento começou com a organização de estudantes gays moradores da Casa do Estudante Universitário (CEU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Essa organização gerou a fundação do grupo em 1991, inicialmente chamado de Movimento Homossexual Gaúcho (MHG), sendo depois nomeado de Nuances: Grupo pela Livre Orientação Sexual - Construindo Cidadania.

O grupo organizou, ao longo da história, parcerias com vereadores da cidade para aprovação de leis, distribuiu folhetos informativos tanto para pessoas LGBTs como para a sociedade em geral, organizou diversas manifestações públicas e atividades culturais e esportivas visando a visibilidade e garantia de direitos da comunidade LGBT, bem como fornecer espaços inclusivos para a livre expressão das identidades sexuais e de gênero. Em 1997 foi realizada a primeira edição da Parada Livre no Parque Farroupilha em Porto Alegre, com um público aproximado de 100 pessoas, sendo apenas um desfile desses corpos, com bandeiras, faixas e apitos. Golin (2017) relembra que, nesse dia, alguns participantes, especialmente mulheres lésbicas, cobriram os rostos com sacos de papel por medo de retaliação pela exposição pública. No ano seguinte, já foi possível reunir mais de 1000 pessoas e a parada começou a receber mais recursos para que pudesse ser viabilizada.

Segundo Golin (2017), em 2005 iniciou-se uma disputa entre diversos coletivos pela organização da Parada, visto que por esta receber recursos públicos, deveria ser então organizada por todos os coletivos LGBTs da cidade. Com a interferência do Ministério Público Federal nesse embate e o investimento do Ministério da Cultura e do Ministério da Saúde, outros grupos passaram a organizar também outra parada. Outro ponto levantado para a discussão era o de que a Parada Livre não tinha mais um caráter político, e sim apenas um caráter festivo. Os organizadores da Parada Livre consideram que “estes militantes se utilizaram da visibilidade e legitimidade conquistada pela Parada Livre para criar sua parada partidarizada. A noção de políticas para esses setores e seus aliados é privatizar as questões sociais para seus interesses particulares” (GOLIN, 2017, p.66).

A Parada Livre de Porto Alegre é organizada, hoje, pelos coletivos Nuances - Grupo Pela Livre Expressão Sexual, ONG Outra Visão - LGBT, Igualdade RS - Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul, LIGA BRASILEIRA DE LÉSBICAS - RS, Coletivo Feminino Plural, Somos - Comunicação, Saúde e Sexualidade, Mães pela Diversidade, G8 - Generalizando e Juntos LGBT e costumam abrir espaço para a fala de políticos que considerem estar comprometidos com a causa LGBT. Em 2017, a Deputada Federal Maria do Rosário (PT), a Deputada Estadual Manuela D'Ávila (PCdoB) e a Vereadora Fernanda Melchionna (PSOL) tiveram, juntas, um espaço de fala no palco<sup>8</sup>.

Nesse mesmo ano, pela primeira vez, a Parada Livre de Porto Alegre não teve apoio financeiro e de infraestrutura da Prefeitura de Porto Alegre<sup>9</sup>, recorrendo a doações, venda de camisetas e bottons do evento e a parceiras com empresas privadas. Ainda assim, a parada teve a participação de 80 mil pessoas, segundo os organizadores e 10 mil segundo o Centro Integrado de Comando de Porto Alegre<sup>10</sup>.

Após 21 edições da Parada Livre, em 5 de fevereiro de 2018, o evento entrou para o calendário oficial da cidade de Porto Alegre<sup>11</sup>, tendo o último domingo do mês de novembro como a data estipulada para a passeata ocorrer. No entanto, em publicação na página oficial da Parada Livre veiculada no dia 6 de fevereiro de 2018, a organização se pronunciou descontente com a lei, afirmando que esta não foi articulada com os coletivos e o movimento LGBT e considerando uma atitude oportunista por parte dos políticos envolvidos.

Segundo os organizadores do evento,

a Parada é muito mais que um desfile de corpos; é um momento único onde a dimensão da sexualidade tem impactos pedagógicos, questionadores de padrões estabelecidos, empoderando os LGBTTs, alcançando uma repercussão que ultrapassa os limites do próprio movimento (GOLIN, 2017, p. 66).

Eles entendem que a utilização de espaços públicos por pessoas que não estão conformadas nas normas de identidade sexual e de gênero gera um processo de visibilidade que “tem um valor e poder simbólico, que se transformou num dos momentos mais importantes da cena política da cidade” (GOLIN, 2017, p.65).

<sup>8</sup> Fonte: <<http://www.correiopovo.com.br/Noticias/Geral/2016/11/602872/Parada-Livre-comemora-20-anos-em-Porto-Alegre->> Acessado em 17 de maio de 2018

<sup>9</sup> Fonte: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2017/11/sem-apoio-da-prefeitura-parada-livre-de-porto-alegre-fara-berro-contra-retrocessos/>> Acessado em 15 de maio de 2018.

<sup>10</sup> Fonte: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/contra-retrocessos-parada-livre-reune-milhares-em-parque-de-porto-alegre.ghtml>> Acessado em 15 de maio de 2018.

<sup>11</sup> Fonte: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/02/parada-livre-fara-parte-do-calendario-oficial-de-porto-alegre-cjdc3rroh07g701phx8itx4i7.html>> Acessado em 09 de maio de 2018.

#### 4.2.2. A visibilidade do movimento em sua página no Facebook

Após o levantamento inicial, não foram encontrados outros meios de comunicação e divulgação da Parada Livre de Porto Alegre, portanto, o meio oficial é a página desta no Facebook, intitulada de Parada Livre de Porto Alegre e disponível para acesso através do link <https://www.facebook.com/paradalivrepoa>. A página, que tem 10.466 seguidores<sup>12</sup> faz postagens frequentes sobre assuntos e eventos diversos relacionados à comunidade LGBT, mas tem foco na divulgação da parada e de questões relativas a esse evento em específico.

##### a) Elementos de identificação da página

A capa da página já explicita de antemão o tema da última parada divulgada - nesse caso, a de 2017 e a foto de perfil faz o serviço do evento, informando data, horário e local (Figura 1). Na aba de eventos da página é possível identificar os últimos eventos organizados: como a própria parada de 2017 e outras atividades que envolvem festas, aulas abertas, cine-debates e mesas de discussão (Figura 2). Na aba “sobre” não há uma explicação sobre a parada, apenas o serviço da última parada (Figura 3).

Figura 1 - Foto de perfil e capa da página da Parada Livre de Porto Alegre



Fonte: <<https://www.facebook.com/paradalivrepoa/>> Acessado em 30 de maio de 2018

<sup>12</sup> Número coletado no dia 14 de junho de 2018.



Figura 2 - Eventos da Parada Livre de Porto Alegre



Facebook page for 'Parada Livre de Porto Alegre' (@paradalivrepoa). The page shows a list of past events under the heading 'Eventos anteriores'.

Data	Título do Evento	Local
NOV 26	XXI Parada Livre 2017 Dom 14:00 · 39 amigos compareceram	Redenção - Parque Farroupil... Porto Alegre, Brasil
NOV 24	Rolê de todas as minas // Sexta (24.11) // Venê Sex 20:00 · Brenda Cruz compareceu	Venezianos Pub Café. Porto Alegre, Brasil
NOV 23	Representatividade LGBT na literatura: um ... Qui 19:00 · 709 convidados	Livraria Taverna Porto Alegre, Brasil
NOV 18	Sarau das minas: edição lésbica Sáb 19:00 · 2 amigos compareceram	Livraria Taverna Porto Alegre, Brasil
NOV 17	Toda Forma de Amor - 17.11 - Casa do Lado Sex 23:30 · 7.416 convidados	Casa do Lado Porto Alegre, Brasil
NOV 17	Sarau QUEER Sex 19:00 · 2 amigos compareceram	Livraria Taverna Porto Alegre, Brasil
NOV 17	Aula Aberta Sobre a Decisão da "Cura Gay" Sex 17:00 · 3 amigos compareceram	Foro Central Prédio II Porto Alegre, Brasil

Fonte: <<https://www.facebook.com/pg/paradalivrepoa/events>> Acessado em 30 de maio de 2018

Figura 3 - Descrição da Parada Livre de Porto Alegre



Facebook page for 'Parada Livre de Porto Alegre' (@paradalivrepoa). The page shows the 'Sobre' section with contact information and a description of the event.

**Sobre**

INFORMAÇÕES DE CONTATO

m.me/paradalivrepoa

MAIS INFORMAÇÕES

**Sobre**  
Página oficial da Parada Livre de Porto Alegre, que se realiza no dia 26 de novembro de 2017, a partir das 14h, no Parque da Redenção.

**Comunidade**

Fonte: <<https://www.facebook.com/pg/paradalivrepoa/about>> Acessado em 30 de maio de 2018

## b) Publicações no trimestre do evento

O foco dessa análise se deu nas publicações realizadas pela página no período de outubro a dezembro de 2017, sendo o mês anterior à realização da parada deste ano, o mês em que o evento ocorreu e o mês posterior. De forma geral, as publicações da página são sempre acompanhadas de imagens, frequentemente coloridas e com referência à bandeira LGBT, que

é um arco íris de seis cores na seguinte ordem: roxo, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho. A interação do público é frequente nas curtidas, porém com menos comentários e compartilhamentos.

Inicialmente, foi realizado um panorama geral dessas postagens, levantando um total de 63 publicações nesse período, sendo essas, posteriormente, organizadas em cinco categorias: 1) divulgação da Parada Livre 2017; 2) divulgação de festas, eventos e produtos para arrecadação de recursos para organização da Parada; 3) divulgação de parceiros e patrocinadores da Parada; 4) divulgação de eventos do coletivo sem relação direta com a Parada Livre; e, por fim, 5) divulgação de eventos de terceiros.

Tabela 1 - Número de publicações de cada categoria analisada da Parada Livre

<b>Categorias</b>	<b>Número de posts</b>
1. Divulgação da Parada Livre 2017	25
2. Divulgação de festas, eventos e produtos para arrecadação de recursos para organização da Parada	25
3. Divulgação de parceiros e patrocinadores da Parada Livre 2017	7
4. Divulgação de eventos do coletivo sem relação direta com a parada	3
5. Divulgação de eventos de terceiros	3
<b>TOTAL</b>	<b>63</b>

Fonte: a autora

A primeira categoria, com 25 postagens no total, foi classificada conforme os temas acionados para divulgar a Parada Livre: 1) campanha de divulgação relacionada ao tema do evento; 2) divulgação da programação do evento; 3) divulgação do serviço do evento; 4) recursos de engajamento; 5) contagem regressiva; e, por fim 6) divulgação pós-parada. O primeiro dos temas identificados foi a campanha de divulgação relacionada ao tema da Parada Livre de 2017, “Berro contra os retrocessos”. Nessas postagens, foram divulgados diversos motivos para o “Berro” das pessoas LGBT, tais como “Berro contra os retrocessos”, “Berro por direitos” e “Berro por liberdade” trazendo cada vez uma identidade diferente ao foco da postagem, como é o exemplo da publicação representada na Figura 4, que contém a frase “Berro por direitos” referente a pessoas transexuais e travestis.

Figura 4 - Campanha de divulgação Parada Livre

**Parada Livre de Porto Alegre**  
7 de novembro de 2017 · 🌐

Berramos por liberdade. Temos total propriedade sobre nossos corpos e nossa expressão.  
Berramos por visibilidade. Chega de qualquer tipo de violência e exclusão social.  
Somos transgêneros e berramos por direitos. Queremos direito à nossa identidade, direito à saúde, à educação, à segurança e, principalmente, queremos o mais básico de todos os direitos e que tantas vezes nos é negado de forma trágica e violenta: o direito à vida.

PARADA LIVRE — 26 de Novembro na Redenção — Porto Alegre

**PARADA LIVRE 2017**  
**BERRA** **POR DIREITOS**

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍❤️ 40

17 compartilhamentos

Escreva um comentário...

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradalivrepoa>>  
Acessado em 30 de maio de 2018

Vale destacar que nessa publicação, bem como em outras do tipo, há uma preocupação em se trabalhar com outras cores além da bandeira LGBT. Nesse caso, a imagem trabalha com as cores branco e azul e rosa claros, pois estas são as cores da bandeira Trans. Em outras publicações que tratam de identidades específicas também há uma especificidade quanto às cores, sempre relacionando-as com as bandeiras particulares de cada grupo. São nessas postagens que a página se posiciona de uma forma mais reivindicatória.

A divulgação da programação da Parada Livre tem destaque em diversas postagens que apresentam os artistas convidados (Figura 5). Apesar de boa parte dessas não trabalhar com muito texto, e sim apenas com imagens dos artistas, são essas as publicações - dentro da categoria de divulgação da parada - que têm o maior número de interações do público. Esse ponto se relaciona bastante com o fato de que as publicações das festas pré-parada que continham a imagem de pessoas conhecidas tinham também uma maior interação do público. É possível identificar, nesse caso, que a imagem dessas pessoas provoca um maior engajamento das pessoas na página e, possivelmente, no próprio evento. Por isso, a busca de pessoas conhecidas e que são referências perante a comunidade LGBT é um processo frequente por parte das paradas, como busca por uma maior visibilidade do ato.

Figura 5 - Programação da Parada Livre de Porto Alegre

**Parada Livre de Porto Alegre**  
13 de novembro de 2017 · Juazeiro do Norte · 🌐

SÓ LACRE: FOI LIBERADA A LISTA DE ATRAÇÕES DA PARADA LIVRE 2017

O Palco Artístico da Parada Livre de Porto Alegre vem lacrando este ano e promete ser inesquecível!

Organizada por Charlene Voluntaire, Euler Lima, Luciano Carlos Berta Horn e Sandro Ka, as atrações convidadas deste ano representam um panorama poderoso da cena artística LGBT de nosso estado, contando com shows musicais, DJs, performers, dança e o melhor da Arte Transformista/drag - nossa principal marca.

As atividades começam às 14h com um aquecimento de DJs e terá dois grandes blocos, antes e depois da caminhada. Enquanto a Parada invade as ruas no entorno do parque, DJs comandarão o Palco com o melhor da música eletrônica. A festa política termina às 22h, numa grande rave. Mais ousadas e com muito close, as atrações vão revelar modos de ser e se expressar no mundo das pessoas LGBTI+. Porque o close é político e arte também transforma vidas e mentes!

A Parada Livre de Porto Alegre 2017 acontece no dia 26 de novembro, no Parque da Redenção. A entrada é franca.



**A P R E S E N T A Ç Ã O :**

CASSANDRA CALABOUÇO CHARLENE VOLUNTAIRE  
GLORIA CRYSTAL HEINZ LIMAVERDE LADY CIBELE  
LAURITA LEÃO VALÉRIA HOUSTON

**A T R A Ç Õ E S :**

ANDRYELLY SHARON AYO BABY GUI BEYONCÉ DOLLS BIBI RIBEIRO  
BLACK DIVAS BLOCO DA DIVERSIDADE BRUNA DINIZ BRUNA ALVES  
CANDY DIAZY CAROL ROGÉ CAROLINA SCHULTS DEBBY THOMAS  
DENISE BARCELLOS DAVI CASTRO DRAGA BUFFOON GABE FERRÃO  
GURIAS DO SAMBA HÉLBIO RODRIGUES ISIS MOON MOON  
JÉFERSON GUNTZEL KAREN RODRIGUES LE JARDIN CLUB STRIPPERS  
JOÃO CARLOS CASTANHA KARINE LARRÉ LÉON ROJAS  
LETÍCIA DUMONT LETÍCIA SARTORETTO LEZGIRLS PARTY LO LITTA  
LOLITA BOM BOM LUCIANO LIMA MADBLUSH MAKU SINHORELLI  
& MAURICIO BUNGI MEGG LEE NEGA BULA NICOLE DI ARMANI  
NICOLY STRAWS NIKITA DE LUXXXO NIKKI GOULART PLAYMOTRIO  
(ADRIANA BANANA, RICKTODADISCO E DIEGO BARD) RAKEL RODRIGUES  
REBECA REBU SANTÍSSIMA TRINDADE SASHA LACREY TRANSÔNICA  
AS VIKKINGS VIVIANY BELEBONI WORKROOM TEAM  
(VITZ VIKA, LUCIA BECKER, GABI GRANADA E SATÂNIA CÁUSTICA)

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👤 Hayane Telles Leotte e outras 228 pessoas    Mais relevantes ▾

91 compartilhamentos    52 comentários

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradalivrepoa>>

Acessado em 30 de maio de 2018



Há também algumas postagens mais objetivas no sentido de dar o serviço do evento, ou seja, trazendo as informações mais básicas como data, horário, local do evento e previsão do tempo para o dia, conforme Figura 6.

Figura 6 - Serviço do evento

 **Parada Livre de Porto Alegre** está 😊 se sentindo animado. ⋮  
26 de novembro de 2017 · 🌐

**DEMORA PRA REDENÇÃO QUE HOJE É DIA DE PARADA!**

A partir das 14h já vai estar rolando a XXI Parada Livre de Porto Alegre! Divulga essa imagem nas tuas redes, marca as pessoas que não podem perder e vamos berrar muito!

❤️ Pode vir pra berrar, pra juntar as amigues, pra beijar, pra dançar, pra dar close ou até pra dar uma olhadinha, mas vem! Se posicionar é importante no cenário de retrocessos em que estamos vivendo!

☁️ A previsão do tempo hoje é de chuva só pela manhã. Na pior das hipóteses chove um pouquinho bem no início do evento, mas nada que possa nos impedir de arrasar muito na Redenção.

🇺🇲 A caminhada pelas redondezas do Parque está prevista para 17:30 e conta com sete trios elétricos bafônicos!

👉 Junta os amigos, a família, os contatinhos e vamos lá!

Foto: Fernanda Piccolo / JUNTOS



👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar    🌐

   Paola Pavezi e outras 442 pessoas Mais relevantes ▾

191 compartilhamentos 50 comentários

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradalivrepoa>>  
Acessado em 30 de maio de 2018

Outros dois temas recorrentes são das postagens que promovem recursos de engajamento e de contagem regressiva para o evento. A primeira (Figura 7) diz respeito às publicações que disponibilizam “filtros” para serem utilizados na foto de perfil do Facebook, *wallpapers* da Parada para serem utilizados como fundo de tela do celular e dos cartazes do evento que são disponibilizados para *download* juntamente com o pedido de que sejam impressos e distribuídos pela cidade. Além disso, esse tipo de postagem conta também com publicações seguidas do início do evento mostrando a estrutura já montada e convidando as pessoas a participarem. Já as postagens que tratam da contagem regressiva (Figura 8) também são, de certa forma, um recurso de engajamento ao mesmo tempo em que prestam o serviço com as informações de data da parada.

Figura 7 - Recurso de engajamento

**Parada Livre de Porto Alegre** 23 de outubro de 2017

Pra não fazer a linha esquecadinha e perder a Parada Livre esse ano, baixa nosso wallpaper do BERRO CONTRA OS RETROCESSOS e coloca na tela do teu celular!

Além de te lembrar a data da Parada todos os dias, funciona muito bem pra puxar assunto com quem estiver do lado. #ficadica


O link do WALLPAPER é: <https://drive.google.com/open...>

---

Se quiseres aproveitar e baixar nossos CARTAZES pra imprimir e espalhar por aí, os links são esses:

Tamanho normal (A4): <https://drive.google.com/open...>

Tamanho grandão (A3): <https://drive.google.com/open...>



Curtir Comentar Compartilhar

Lucas Martins e outras 22 pessoas Mais relevantes

4 compartilhamentos 2 comentários

Escreva um comentário...

Carla Pinto Dorneles Adorei..  
Curtir · Responder · 30 sem · Editado

Angela Andrade Vou baixar...  
Curtir · Responder · 30 sem

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradalivrepoa>>

Acessado em 30 de maio de 2018



Figura 8 - Contagem regressiva



Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradalivrepoa>>  
Acessado em 30 de maio de 2018

Por fim, a página também traz as postagens pós-evento que têm, aparentemente, três objetivos: contar um pouco do processo de organização da parada, relembando constantemente das dificuldades trazidas pela falta de apoio da Prefeitura no ano de 2017; trazer imagens e vídeos que registraram o evento (Figura 9); e reafirmar o objetivo do evento. A Figura 10 ilustra o primeiro e o terceiro objetivo de forma contundente, pois conta como a organização do evento ocorreu, os problemas enfrentados pela falta de apoio público, reforçando a busca por patrocinadores que foi necessária para o evento ocorrer e, por fim, relembra que “A Parada Livre é festa e a Parada Livre é política”, já que reunir pessoas de diversos gêneros e orientações sexuais distintas em um único espaço serve para mostrar que essas pessoas não estão sozinhas, não aceitarão mais se esconder e seguirão exigindo “direitos e políticas públicas”.

Figura 9 - Registros da Parada Livre

 **Parada Livre de Porto Alegre** compartilhou um vídeo. ⋮  
6 de dezembro de 2017 · 🌐

QUE COISA LINDA esse vídeo da Parada Livre feito pelo Alguém Avisa. Que alegria contar com parcerias tão maravilhosas e talentosas.

-  Quem já está com saudades da Parada?
-  Quem conseguiu se achar nas cenas?
-  Marca os amigos que vão gostar de ver!



53.787 visualizações

**Alguém Avisa** 👍 Curtir Página  
6 de dezembro de 2017 · 🌐

Este ano celebramos a XXI Parada Livre 2017, e em homenagem a estes vinte e um anos de luta, registramos alguns dos momentos deste evento tão importante que reúne pessoas tão diversas lutando pelo direito de amar. Ainda somos jovens, mas temos muita história para contar, e certamente muita luta pela frente. É preciso que esta união vá além da Parada Livre de Porto Alegre e ganhe espaço nas oportunidades de emprego, no combate ao racismo, a transfobia, esta luta precisa ganhar espaço nas redes, nas mídias, nas reuniões de família. A nossa luta como diria Charlene Voluntaire DragQueen é pela 'Sopa de Letrinhas', uma sopa que deve conter todas e quantas letras forem necessárias. Enquanto houver preconceito, violência e medo, nós continuaremos firmes e unidos todos os dias para combater a discriminação contra os LGBTQIA+ e todos que também buscam um mundo melhor e mais diverso. Juntos, somos Indestrutíveis.

Nessa luta contamos com alguns parceiros, como o Coletivo Feminino Plural, CRDH Relações de Gênero, Diversidade Sexual e de Raça, Escoteiros do Brasil - Rio Grande do Sul, G8-Generalizando, Homens Trans em Ação - HTA RS, Igualdade RS - Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul, Juntos LGBT, LIGA BRASILEIRA DE LÉSBICAS - RS, Mães pela Diversidade, Nuances - Grupo Pela Livre Expressão Sexual, ONG Outra Visão - LGBT, Somos - Comunicação, Saúde e Sexualidade, UJS - União da Juventude Socialista, Loja Afirme, Workroom, JOSEPHYNA'S e UNA LGBT Rio Grande do Sul.

E com a ilustre participação de Cassandra Calabouço, Valéria Houston Barcellos, Gloria Crystal, Heinz Limaverde.

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradalivrepoa>>

Acessado em 30 de maio de 2018

Figura 10 - Divulgação pós-parada

**Parada Livre de Porto Alegre**  
28 de novembro de 2017 · 🌐

A XXI Parada Livre de Porto Alegre foi histórica!  
Mesmo com clima instável e todas as dificuldades relacionadas à inédita falta de apoio da prefeitura, Porto Alegre teve um evento lindo neste domingo.

A Parada Livre de Porto Alegre é um evento plural e democrático, construído por diversos coletivos e militantes da causa LGBTTT que atuam em Porto Alegre. Além dessa equipe que se reuniu e trabalhou desde maio para que a Parada acontecesse, temos muitas pessoas envolvidas que precisamos agradecer.

Agradecemos a todos os bares, cafés, boates, livrarias e apoiadores que tomaram a Parada viável. Nesse processo, fizemos uma grande rede de relacionamentos com empresas que apoiam a causa LGBTTT e não tem medo de se posicionar.


Agradecemos ao time que apresentou a Parada. Contar novamente com esses talentos que já foram a cara e a voz da Parada Livre ao longo desses 21 anos foi emocionante.

Agradecemos aos artistas que ensaiaram, se prepararam, se produziram e compartilharam um pouco da sua visão de mundo em nosso palco por meio de sua arte.

A Parada Livre é festa e a Parada Livre é política.  
Reunir mais de 30 mil pessoas bi, lésbicas, gays, trans, héteros e todos os gêneros e orientações sexuais no Parque da Redenção é importante para que todas as pessoas que se sentem diferentes e não se encaixam nos padrões da "família tradicional brasileira" saibam que não estão sozinhas e que têm com quem contar. É importante para mostrar que temos orgulho de ser quem somos e que nunca mais vamos voltar para o armário. É importante para exigir nossos direitos e políticas públicas para que possamos sair da vulnerabilidade.

Por fim, agradecemos a cada pessoa que saiu de casa, mesmo com a possibilidade de chuva, para celebrar a diversidade e dar seu BERRO CONTRA OS RETROCESSOS!

Muito obrigada e até o ano que vem!



👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar    🌐

👤 Eric Seger e outras 305 pessoas    Mais relevantes ▾

35 compartilhamentos    31 comentários

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradalivrepoa>>

Acessado em 30 de maio de 2018

A categorias 2 e 3 - divulgação de festas, eventos e produtos para arrecadação de recursos; e divulgação de parceiros e patrocinadores, respectivamente - são interessantes para avaliar a evidente necessidade de viabilização do evento, bem como por terem, juntas, um número significativo de publicações: 32 postagens. Ainda que não se tenha levantado o número de publicações desse tipo no mesmo período de 2016 para efeitos de comparação, pode-se imaginar que essa quantidade relevante de postagens buscando arrecadação de recursos e de divulgação dos diversos patrocinadores e parceiros do evento tenha relação direta com a falta de financiamento público e de infraestrutura por parte da Prefeitura de Porto Alegre em 2017. Por outro lado, também é pertinente considerar que esse ato, diferentemente de outros protestos e manifestações públicas, precisa ser viabilizado financeiramente. Não é um tipo de evento que pode simplesmente acontecer sem um aporte financeiro que financie a estrutura de palco, trios elétricos e cachê dos artistas.

Para fins de financiamento da Parada Livre, portanto, a organização se utilizou de parcerias e patrocínios de oito<sup>13</sup> empresas privadas: as casas de festa Espaço 900, Sinners e Cucko, os bares Workroom e Charlie Pub, a Agência Bistrô, a loja Afirme e o aplicativo Onni, conforme pode ser identificado pelas Figuras 11 e 12.

---

<sup>13</sup> Foram contabilizadas 8 empresas privadas nas publicações de outubro a dezembro de 2018. Não é possível afirmar se esse é, de fato, o total de empresas parceiras e patrocinadoras.



Figura 11 - Divulgação de parceria com o bar Workroom

**Parada Livre de Porto Alegre**  
25 de outubro de 2017 · 🌐

Valeu, Workroom! ❤️

No dia 21/10, o Workroom e seu casting de Drags toparam fazer uma noite em apoio à XXI Parada Livre 2017 e foi simplesmente mágico ❤️

Obrigado pela parceria!



👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar    ⚙️

👤 Pedro Goncalves Jardim e outras 19 pessoas    Mais relevantes ▾

4 compartilhamentos    1 comentário

Escreva um comentário...


**Workroom**  
❤️ 👍 🗨️ 2  
Curtir · Responder · 30 sem

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradalivrepoa>>  
Acessado em 30 de maio de 2018

Figura 12 - Divulgação de parceria com o aplicativo Onni

**Parada Livre de Porto Alegre** compartilhou uma publicação. 22 de novembro de 2017 · 🌐

Baixe o aplicativo ONNI e lá dentro apoie a XXI Parada Livre 2017 ❤️



**ONNi**  
22 de novembro de 2017 · 🌐

Neste domingo tem Parada Livre de Porto Alegre!

Apoie a Parada Livre comprando os produtos exclusivos da edição desse ano pelo app da ONNi. Tem camiseta, bottons, caneca e kit's pra você arrasar! ❤️

Acesse a loja: <http://bit.ly/2AZdaVS>

#paradalivre2017 #ONNiapp

Curtir Comentar Compartilhar

17 Mais relevantes ▾

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradalivrepoa>>

Acessado em 30 de maio de 2018

A arrecadação de recursos foi, além das parcerias com as empresas privadas, realizada através de festas pré-parada e venda de bottons, camisetas e canecas (Figura 13). Essas publicações estão agrupadas na categoria 2. As postagens referentes às festas representaram cerca de 75% do total das publicações da categoria 2. Nessas, foi bastante relevante a utilização da imagem de pessoas conhecidas na comunidade LGBT - e outras na sociedade como um todo

- como forma de chamar a atenção para os eventos, tais como os DJs conhecidos por se apresentarem em festas LGBTs de Porto Alegre e outras pessoas mais famosas, como a cantora Gretchen, que foi a atração de uma dessas festas, conforme Figura 14. Vale destacar que as postagens dessa categoria tiveram uma interação relevante por parte dos seguidores da página, com uma média de 14 comentários por publicação, sendo os mais movimentados aqueles que apresentavam pessoas famosas.

Figura 13 - Venda de produtos



**Parada Livre de Porto Alegre**  
30 de outubro de 2017 · 🌐

Olha que PISÃO TOP essas camisetas e canecas da Parada que fizemos com nossos parceiros da Loja Afirme!  
É pra comprar, arrasar e ainda apoiar a causa LGBT!  
Queres saber como? Olha que legal:  
As camisetas da Parada Livre custam R\$35, as canecas custam R\$30 e todo o lucro das vendas desses produtos vai para a organização da Parada Livre de Porto Alegre!  
Pra comprar, entra em [www.lojaafirme.com.br](http://www.lojaafirme.com.br) e aproveita pra conhecer as bandeiras e produtos que são lindos e feitos por LGBTQ+.

**afirme**

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar    ⚙️

👤 Eric Seger e outras 192 pessoas    Mais relevantes ▾

26 compartilhamentos    24 comentários

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradalivrepoa>>

Acessado em 30 de maio de 2018

Figura 14 - Divulgação de eventos com pessoas conhecidas

**Parada Livre de Porto Alegre** está 😊 se sentindo animado. 9 de novembro de 2017 · 🌐

😊 Preparados?  
A musa Gretchen vai lacrar na principal festa pré Parada Livre de Porto Alegre! Acessa o evento e vambora!  
Gretchen / Gina Indelicada Sunset Pré Parada Livre Porto Alegre  
Uma super estrutura te espera 🙌👏🌞❤️



👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar    ⌵

👤❤️👤 465    Mais relevantes ▾

53 compartilhamentos    63 comentários

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradalivrepoa>>  
Acessado em 30 de maio de 2018

As duas últimas categorias representam um número bastante pequeno do total de postagens, sendo apenas 3 publicações para cada uma. Seguindo o critério de pertinência para a análise, essas categorias não foram analisadas a fundo por não terem relação direta com o evento explorado neste trabalho.



## 4.3 PARADA DE LUTA LGBTI DE PORTO ALEGRE

### 4.3.1 Histórico

A história da Parada de Luta LGBTI de Porto Alegre tem seu início bastante ligado à própria Parada Livre de Porto Alegre, segundo Roberto Seitenfus, um dos organizadores do evento e participante do coletivo Desobedeça, em entrevista concedida no dia 16 de maio de 2018 e disponível na íntegra no Apêndice A. Ele participou da organização da Parada Livre por vários anos e comenta que o movimento LGBT nacional acabou sendo modelado conforme os financiamentos públicos oferecidos às paradas. Para ele, a interferência do poder público nesses eventos os tornou, ao longo do tempo, eventos de caráter apenas festivo, perdendo a sua característica reivindicatória e de luta. Junto a isso, o aporte financeiro utilizado em eventos como a parada acaba, na opinião dele, tirando a prioridade de políticas públicas que poderiam ter um impacto mais efetivo para a comunidade como um todo. Ele cita o exemplo do número de assassinatos de LGBTs no Brasil, que continua crescendo a cada ano, ao mesmo tempo que as paradas também aumentam o número do seu público - segundo o relatório de 2017 organizado pelo Grupo Gay da Bahia, em 2000 foram registradas 130 mortes de LGBTs no Brasil e em 2017 o número de assassinatos passou para 445. É possível que o fato das pessoas LGBTs estarem com mais visibilidade influencie em um maior incômodo de outras pessoas e, conseqüentemente, em mais violência. Aliado a isso, podemos pensar também que há algum tempo poucos homicídios eram registrados como sendo motivados pela homofobia. No entanto, Roberto defende que parte importante desse aumento está justamente na falta de reivindicação e de articulação para políticas públicas por parte das paradas.

Essas críticas quanto ao formato da parada começaram a surgir internamente e, após alguns debates, em 2007 foi criada a mini-parada como apenas um ato alusivo ao dia 28 de junho, data em que se comemora o Dia do Orgulho LGBT em virtude do aniversário dos protestos de Stonewall. Inicialmente, com a ideia de ser apenas um protesto pontual, o evento acabou crescendo, outros coletivos foram se somando na organização, e o ato foi nomeado para Parada de Luta LGBTI, sempre ocorrendo no domingo mais próximo à data do dia 28 de junho.

Uma das características dessa parada, segundo Roberto Seitenfus, é que a caminhada sempre ocorre em direção a algum local onde há discriminação e preconceito, como foi o caso

do Bar Pinguim<sup>14</sup> e do Shopping Nova Olaria<sup>15</sup>, ambos no bairro Cidade Baixa de Porto Alegre e acusados de violência contra pessoas LGBT. Outro ponto trazido pelo grupo é que, assim como na Parada Livre, todos os anos o evento tem um tema que permeia a programação. No entanto, a Parada de Luta LGBTI traz também pautas mais gerais. No ano de 2017, a parada teve como tema “Fora Temer”, pois

se tem um governo que ataca os trabalhadores e ataca toda a comunidade, é necessário, porque a gente não quer só uma mudança pros LGBTs, a gente quer uma mudança de sociedade. Se a gente não tiver uma mudança de sociedade, não vamos ter uma mudança para a comunidade LGBT (STEINFUS, 2018).

Eles entendem também como um ponto importante o fato de que as falas no evento são fundamentais, que o microfone deve ser aberto a todos os movimentos sociais e políticos interessados, pois assim essas pessoas se comprometem com a luta LGBT e é mais fácil de cobrá-las depois, além de ser um possível recurso de constrangimento para os políticos. Steinfus (2018) traz também que a parada de luta nunca teve recurso público, e sempre buscou financiamento de iniciativas privadas e de sindicatos. A recusa do dinheiro público vem com a justificativa de que não seja utilizado como “moeda de troca” para silenciar politicamente as manifestações e para que seja investido em campanhas e políticas públicas mais específicas. Nesse sentido, ele afirma também que os próprios artistas convidados e participar da parada não recebem cachê, pois os organizadores entendem que é uma questão de afirmação política que esses artistas participem por uma questão ideológica e de luta e não apenas para um show.

A composição da organização da Parada de Luta LGBTI costuma variar bastante, mas entre os coletivos que participam e apoiam estão o grupo Desobedeça, o Coletivo UNA, Conexão Diversidade, LGBT Comunista e União da Juventude Socialista - UJS. Com o tema “Fora Temer”, o evento de 2017 foi, segundo os organizadores, a maior parada de todos os tempos, com mais de 100.000 pessoas passando por todo o evento e reunindo cerca de 40.000<sup>16</sup> em um momento só. Em comparação, a primeira parada, em 2007, reuniu cerca de 10.000 pessoas.

---

<sup>14</sup>Fonte: <<https://www.sul21.com.br/noticias/2013/04/mp-rs-recebe-denuncias-de-agressoes-e-homofobia-no-bar-pinguim/>> Acessado em 31 de maio de 2018.

<sup>15</sup>Fonte: <<https://revistaladoa.com.br/2009/06/noticias/shopping-nova-olaria-porto-alegre-acusado-discriminacao/>> Acessado em 31 de maio de 2018.

<sup>16</sup> Não foi divulgada a estimativa de público por parte da Brigada Militar.

### 4.3.2 A visibilidade do movimento em sua página do Facebook

A Parada de Luta LGBTI também tem como meio oficial de comunicação e divulgação a sua página no Facebook, intitulada de Parada de Luta LGBTI e disponível no link <https://www.facebook.com/paradadelutalgbt/>, que conta com 7.140 seguidores<sup>17</sup>, traz publicações com bastante frequência e sobre assuntos muito variados, sem um foco tão específico na divulgação do evento em si.

#### a) Elementos de identificação da página

A primeira informação que se tem da página, através da capa e da foto de perfil (Figura 15), é uma divulgação do evento. A primeira traz um vídeo com imagens aéreas de uma das paradas - não é especificado a qual dos eventos as imagens se referem -, que é finalizado com o logo do evento. Já a foto de perfil traz as informações da parada de 2018.

Figura 15 - Foto de perfil e capa da página da Parada de Luta LGBTI



Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt/>>

Acessado em 30 de maio de 2018

Na aba de eventos da página (Figura 16) podemos identificar diversas atividades organizadas por esse coletivo além da própria parada, tais como protestos, diversas festas e eventos de Carnaval LGBT. A aba “sobre” (Figura 17) traz uma explicação breve sobre o evento “Evento criado pelo Grupo desobedeça LGBT, manifestação pública de gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e transexuais”, e é possível identificar o foco que a descrição tem em um dos grupos organizadores do evento. Isso se repete na parte de contato, desta mesma aba, que identifica a página oficial do Grupo Desobedeça no Facebook como contato do coletivo.

<sup>17</sup> Número coletado no dia 14 de junho de 2018.

Figura 16 - Eventos da Parada de Luta LGBTI

Próximos eventos		<a href="#">Compartilhar eventos</a>
<b>JUL</b> <b>1</b>	<b>Parada de Luta LGBTI - Porto Alegre 2018</b> Dom 11:00 · 17 amigos confirmaram presença	Redenção - Parque Farroupil... Porto Alegre, Brasil <a href="#">★ Tenho interesse</a>
Eventos anteriores		
<b>MAI</b> <b>29</b>	<b>TV Parada De Luta Ao Vivo</b> Ter 18:30 UTC-04 · 652 convidados	
<b>MAI</b> <b>20</b>	<b>Ocupa Redenção contra a lgbtfobia - Sylvin...</b> Dom 15:00 · 2 amigos compareceram	Redenção - Parque Farroupil... Porto Alegre, Brasil
<b>MAR</b> <b>17</b>	<b>Festa de Lançamento Parada de Luta LGBTI...</b> Sáb 21:00 · 2.299 convidados	Espaço 900 Porto Alegre, Brasil
<b>FEV</b> <b>24</b>	<b>Cidreira - Carnaval Lgbt - Beira Mar</b> 24 de fevereiro – 25 de fevereiro · 948 convidados	Antigo Terminal Turístico Cidreira, Brasil
<b>FEV</b> <b>12</b>	<b>Carnaval LGBT - Tramandaí (No Clube Tropi...</b> Seg 23:00 · 664 convidados	Tropical Cultural Eventos Tramandaí, Brasil
<b>NOV</b> <b>15</b>	<b>Tombei! Festa da Diversidade Viamão</b> Qua 13:00 · 2.170 convidados	Quadra Da Unidos De Vila Is... Viamão, Brasil
<b>SET</b> <b>29</b>	<b>Adiado - Parada Por Direitos - Porto Alegre</b> Sex 16:00 · 2.011 convidados	Largo Glênio Peres Porto Alegre, Brasil
<b>SET</b> <b>3</b>	<b>Ocupa Diversidade</b> Dom 16:00 · 2.290 convidados	Praça Júlio Mesquita Porto Alegre, Brasil
<b>JUL</b> <b>2</b>	<b>Parada de Luta LGBT - Porto Alegre</b> Dom 11:00 · 45 amigos compareceram	Parque da Redenção Porto Alegre, Brasil
<b>JUN</b> <b>26</b>	<b>Semana da Parada + Dia Internacional do Or...</b> 26 de junho de 2017 – 2 de julho de 2017 · 8 amigos co...	Porto Alegre, Rio Grande do ... Porto Alegre, Brasil
<b>MAI</b> <b>21</b>	<b>LGBT pelo FORA Temer e diretas já!</b> Dom 10:00 · 2 amigos compareceram	Redenção - Parque Farroupil... Porto Alegre, Brasil
<b>ABR</b> <b>23</b>	<b>Parada de Luta LGBT - Gravação Campanha...</b> Dom 16:00 · Andielli Silveira compareceu	Redenção - Parque Farroupil... Porto Alegre, Brasil

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook

<<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt/events/>> Acessado em 30 de maio de 2018

Figura 17 - Descrição da Parada de Luta LGBTI



Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt/about>>  
Acessado em 30 de maio de 2018

#### b) Publicações no trimestre do evento

Assim como na anterior, a análise teve como foco as publicações organizadas pela página da Parada de Luta LGBTI no período de junho a agosto de 2017, sendo o mês anterior à realização da parada deste ano, o mês em que o evento ocorreu e o mês posterior respectivamente. As publicações da página, de forma genérica, são quase sempre acompanhadas de imagens, na maioria das vezes fotos de pessoas ou imagens aéreas do evento, por outro lado, algumas postagens acompanham vídeos. Essas imagens trazem, normalmente, as cores da bandeira LGBT. A interação do público é pouca, tanto de curtidas, quanto de comentários e compartilhamentos. Os atores das postagens são, na maioria das vezes, DJs de festas e artistas, embora tenha uma variedade grande nesse sentido. A organização do Grupo Desobedeça, no entanto, é frequentemente citada nas postagens.

Primeiro, foi levantado o número total de publicações no período estipulado, chegando ao número de 37 publicações. Posteriormente, para fins de identificação das publicações, estas foram organizadas em seis categorias: 1) divulgação de eventos de terceiros; 2) divulgação da Parada de Luta LGBTI 2017; 3) publicações sobre questões políticas sem relação com a parada; 4) outras postagens, que se refere a todas as publicações não relevantes para a análise que não foi possível de encaixar em uma das categorias anteriores; 5) postagens de serviço e utilidade

pública não relacionadas à parada; e, por fim, 6) divulgação de eventos do coletivo sem relação direta com a Parada de Luta;

Tabela 2 - Número de publicações de cada categoria analisada da Parada de Luta LGBTI

<b>Categorias</b>	<b>Número de posts</b>
1. Divulgação de eventos de terceiros	10
2. Divulgação da Parada de Luta LGBTI 2017	10
3. Publicações sobre questões políticas sem relação com a parada	9
4. Outros	4
5. Postagens de serviço e utilidade pública não relacionadas à parada	3
6. Divulgação de eventos do coletivo sem relação direta com a parada	1
<b>TOTAL</b>	<b>37</b>

Fonte: a autora

A categoria 1, embora não tenha relação direta com o evento estudado, tornou-se interessante de se avaliar pelo número de publicações desse tipo em comparação com as outras categorias. Das 37 postagens no total, 10 são referentes a divulgação de eventos, cuja organização não é do coletivo da Parada de Luta LGBTI. Todas as publicações se referem a festas voltadas ao público LGBT e trazem como atores principais os DJs e as atrações dessas festas, conforme pode ser observado na Figura 18.

Figura 18 - Divulgação de festas não organizadas pelo coletivo

**Parada De Luta Lgbt - Porto Alegre**  
25 de julho de 2017 · 🌐

Enjoy Party + Sua Cara - 06/09 (ESTRÉIA)

Chega a Porto Alegre a festa que veio para abalar a noite LGBTI da capital. Uma festa lacradora que vai fazer você bater a raba no chão a noite toda com muito POP, FUNK, TRIBAL e ELECTRO. Vai ter muito close certo, muito beijo na boca, gente bonita e aquele calor humano que só uma boa festa LGBTI tem 😊 Chegou uma festa que é a SUA CARA!

Estão preparados pra atacar? Então se joga com a gente!!!

Confirme presença e fique sabendo primeiro:  
<https://www.facebook.com/events/1173959686043361>

**06. SETEMBRO Véspera de Feriado | 23.30h**  
**ENJOY PARTY SUA CARA**

Shots Caluaba na Fila  
DJs + Interrupções Artísticas  
Pop, Funk, Tribal, Electro

A POIO: THE PRIME  
PARADA DE LUTA LGBTI PORTO ALEGRE 7.08

Av. Cristóvão Colombo, 545 - Floresta / POA 18+

Mais informações, ingressos e antecipações: (51) 99837-6007

Curtir Comentar Compartilhar

37 Mais antigos

4 compartilhamentos 7 comentários

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt>>

Acessado em 30 de maio de 2018

Na categoria dois, foram exploradas 10 publicações referentes à divulgação da Parada de Luta LGBTI. Diferentemente do outro evento realizado em Porto Alegre, o foco dessas postagens foi maior na divulgação de como ocorreu o evento do que divulgação com o objetivo de engajar a trazer público. Assim, os temas dessa categoria foram divididos da seguinte forma: 1) compartilhamento de notícia; 2) programação; e 3) divulgação pós-parada. As duas primeiras categorias, contendo apenas uma publicação cada e ambas sendo as únicas postagens realizadas nesse período como forma de divulgação anterior ao evento. A primeira trazendo uma entrevista que um dos organizadores do evento concedeu ao Programa Conexão RS da Ulbra TV (Figura 19) e a segunda divulgando uma das artistas que estaria presente no ato (Figura 20). Essa última comportou quase que a totalidade das comentários e interações dessa categoria. Interessante ressaltar também que essa categoria foi a que obteve a maior média de comentários se comparada com as outras, atingindo a média de 7,7 comentários por postagem. As outras oito publicações, referentes à categoria 3, focaram em divulgar como a parada ocorreu, trazendo fotos, vídeos (Figura 21) e uma comparação de público entre a parada de 2014, que reuniu cerca

de 12 mil pessoas e a parada de 2017 que reuniu por volta de 40.000, segundo os organizadores, conforme Figura 22.

Figura 19 - Entrevista ao Programa Conexão RS

 **Parada De Luta Lgbti - Porto Alegre** compartilhou uma publicação. 29 de junho de 2017 · 🌐



885 visualizações

**Parada De Luta Lgbti - Porto Alegre** ▸ Parada de Luta LGBT - Porto Alegre  
28 de junho de 2017 · 🌐 Curtir Página

Will Dreher do Grupo Desobedeça Lgbt em entrevista no Programa Conexão RS da Ulbra TV falando sobre a Parada De Luta Lgbt - Porto Alegre! ❤️

Curtir Comentar Compartilhar 🌐

 9

 Escreva um comentário... 😊 📷 📺 🗨️

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt>>

Acessado em 30 de maio de 2018



Figura 20 - Divulgação de artista convidada para o evento

 **Parada De Luta Lgbt - Porto Alegre** 1 de julho de 2017 · 🌐

14:30 na Parada de Luta LGBT 🇺🇵 #RANNNAPARADA MULHER PEPITA



 Curtir  Comentar  Compartilhar 

   298 Mais antigos ▾

47 compartilhamentos 53 comentários

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt>>

Acessado em 30 de maio de 2018

Figura 21 - Registro da parada

 **Parada De Luta Lgbt - Porto Alegre** compartilhou uma publicação. 5 de julho de 2017 · 🌐

Vídeo da Parada de Luta LGBT



1.526 visualizações

**Paulo Faria**  
4 de julho de 2017

PARADA DE LUTA LGBT-Porto Alegre 02 de Julho 2017-Este registro mostra partes de atividades da Parada sendo:No Parque da Redenção onde estiveram mais de 40.000 pessoas que gritaram:FORA TEMER,caminhada até a Cidade Baixa que finalizou com beijaço frente ao Bar Pinguim.

 Curtir  Comentar  Compartilhar 

  53 Mais antigos ▾

 **Janice Mendes Ana Paula Ferreira**  
Curtir · Responder · 47 sem

 Escreva um comentário...    

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt>>

Acessado em 30 de maio de 2018

Figura 22 - Comparação de público 2014 vs 2017

**Parada De Luta Lgbti - Porto Alegre**  
28 de agosto de 2017 · 🌐

A Parada de Luta LGBTI de Porto Alegre é o evento de movimento social que mais cresceu no Rio Grande do Sul nos últimos anos. Nesta comparação, fotos aéreas nos anos de 2014 e 2017 quando tivemos 12 mil e 40 mil pessoas respectivamente.

Mas a nossa luta não é só para fazer a maior parada da cidade ou do estado, não somos militantes de um dia só: LUTAMOS TODOS OS DIAS!  
#ParadaDeLutaLGBTI #PortoAlegre



👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar    ⋮

👍❤️😂 125    Mais antigos ▾

4 compartilhamentos    3 comentários

**Dai Martins** Que essa luta aumente cada vez mais, não vamos deixar nada nos abalar #lutarsempre 🏳️🌈

Curtir · Responder · 39 sem    ❤️ 1

**Fernando Cardoso De Oliveira**

🏳️🌈❤️

Curtir · Responder · 39 sem    ❤️ 1

**Ângela Külzer** A vibe desse evento é muito bom temos que pensar nas pessoas como pessoas e não colocando rótulos, simples assim.

Curtir · Responder · 39 sem    ❤️ 1

Escreva um comentário...    😊 📷 GIF 🗨️

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt>>

Acessado em 30 de maio de 2018

Essa postagem (Figura 22) chama a atenção pela reafirmação política que esse coletivo traz, de que a luta desse grupo não é apenas “de um dia só”, mas sim que se faz uma construção política diária, independentemente do evento.

A quarta categoria, com um total de nove publicações, engloba aquelas que tratam de questões ligadas a manifestações públicas, protestos e atos políticos que não têm relação direta com a Parada de Luta LGBTI. Desse total, seis postagens se tratam de mensagens de ordem contra as reformas da Previdência e Trabalhista, propostas durante o governo do Presidente Michel Temer em 2017 (Figura 23). Há chamadas para protestos e greves gerais, explicações sobre os impactos das reformas e divulgação da votação que acontece ao vivo. Algumas dessas publicações são compartilhamentos de postagens realizadas no perfil pessoal de um dos organizadores da Parada de Luta LGBTI. Nessa contagem, entra também uma publicação (Figura 24) que promove uma campanha para que o Presidente Michel Temer seja investigado e julgado; e duas publicações mais específicas referente a questões de gênero e sexualidade. A primeira traz um vídeo que ilustra o que é poliamor e convida o público a debater o tema (Figura 25). Já a segunda (Figura 26), pede que o público vote em uma consulta pública feita pelo Senado, referente à anistia - ou não - do Deputado Jair Bolsonaro, já que este se tornou réu por ter incentivado o estupro em discussão com a Deputada Maria do Rosário em 2014<sup>18</sup>. A interação do público nessa categoria acontece exclusivamente nestas duas últimas postagens citadas.

---

<sup>18</sup> Fonte :<<https://g1.globo.com/politica/noticia/stf-rejeita-recurso-e-mantem-bolsonaro-reu-por-incitacao-ao-estupro.ghtml>> Acessado em 09 de junho de 2018.

Figura 23 - Campanha contra a reforma Trabalhista

 **Parada De Luta Lgbti - Porto Alegre** compartilhou um vídeo ao vivo. 11 de julho de 2017 · 🌐

Querem acabar com teus direitos trabalhistas e você nada faz?  
Acompanha a votação do fim dos teus direitos no Senado!



34.413 visualizações

PSOL 50 fez uma transmissão ao vivo. 11 de julho de 2017 · 🌐 Curtir Página

AO VIVO: Senado Federal discute e vota a Reforma Trabalhista no Plenário. Vamos pressionar!  
#LutePelaCLT #VoteNão

Curtir Comentar Compartilhar

2

Escreva um comentário...

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt>>  
Acessado em 30 de maio de 2018



Figura 24 - Campanha pela investigação do Presidente Michel Temer

 **Parada De Luta Lgbti - Porto Alegre** 2 de agosto de 2017 · 🌐

COMPARTILHEM!  
 Temer tem que ser investigado e julgado!  
 Mande mensagem para os Deputados que querem votar para que Temer não seja julgado!  
<https://342agora.org.br>



**Pressione os deputados para que Michel Temer seja julgado!**  
 Confira a posição de cada parlamentar, envie mensagens e participe da campanha.  
 Precisamos de 342 votos! #342agora  
 342AGORA.ORG.BR

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar    ⚙️

 Escreva um comentário...    

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt>>

Acessado em 30 de maio de 2018

Figura 25 - Campanha sobre poliamor

**Parada De Luta Lgbti - Porto Alegre**  
18 de junho de 2017 · 🌐

Vamos quebrar regras de uma sociedade conservadora e falar sobre POLIAMOR?!  
Se for amor, celebre!  
#ParadaDeLutaLGBT #PoliAmor #Compartilhe



1,7 mil visualizações

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar    ⚙️

👤 71    Mais antigos ▾

10 compartilhamentos

Ver mais 5 comentários

**Brenda Menezes Olha Lallo Tangeer's**  
Curtir · Responder · 47 sem

**Walter Scheroki** <https://youtu.be/xCEO-su2ff8>

 **Eu Digo Sim A Tudo (Simplesmente Amor) LGBT** 🇺🇳  
YOUTUBE.COM  
Curtir · Responder · 47 sem

👤 Escreva um comentário...    😊 📷 GIF 🗨️

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt>>

Acessado em 30 de maio de 2018

Figura 26 - Incentivo à participação em consulta pública contra Dep. Jair Bolsonaro



**Parada De Luta Lgbti - Porto Alegre**  
19 de julho de 2017 · 🌐

BOLSONARO tem que cair! Basta de LGBTfobicos!  
O Bolsonaro virou réu na Câmara por ter incentivado o estupro, porém eles estão em votação pra anistiá-lo.  
O Senado, abriu uma consulta publica, pra ver o que a população quer, anistiá-lo, ou não.  
Então, vim convidar vcs a votarem no NÃO, para ele não sair impune!!  
Esse é o link, basta logar com o facebook e clicar, VOTAR NÃO.  
<https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaomateria...>

**Senado Federal - Programa e-Cidadania - Consulta Pública**  
Opine sobre a matéria: "SUG 11/2017"  
WWW12.SENADO.LEG.BR

Curtir Comentar Compartilhar

14  
Mais antigos ▾

1 compartilhamento 3 comentários

**Thaina Stewart Spanic Feito!**  
Curtir · Responder · 45 sem

**Luci Moraes Demoro foraaaa!** ...  
Curtir · Responder · 45 sem

**Thaia Hack wtf KKKKKKKKKKK**  
Curtir · Responder · 44 sem

Escreva um comentário...

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt>>  
Acessado em 30 de maio de 2018

A categoria 4 “outros” comporta as postagens de divulgação da parada de 2018 (Figura 27), que não cabe ao trabalho, bem como publicações de agradecimentos a quantidade de curtidas da página.



Figura 27 - Divulgação Parada de Luta LGBTI 2018



Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt>>  
Acessado em 30 de maio de 2018

A categoria 5 traz apenas três postagens (Figura 28), todas com a mesma imagem, duas com exatamente o mesmo texto e a terceira com pequenos detalhes de diferença no texto. São publicações de utilidade pública, pois divulgam um serviço de apoio jurídico para LGBTs. É interessante ressaltar que em todas essas postagens é citado o nome de um dos coletivos organizadores dessa parada, o Grupo Desobedeça.

Figura 28 - Divulgação serviço de apoio jurídico

 **Parada De Luta Lgbt - Porto Alegre** compartilhou uma foto. 16 de julho de 2017 · 🌐

APOIO JURÍDICO da ONG Desobedeça LGBT!

Galera que estiver precisando de um apoio, pode agendar sua consulta gratuita, pelo celular/whats.

Projeto jurídico da ONG Desobedeça.



## APOIO JURÍDICO

A Comunidade LGBT tem diversos direitos que são negados, para isso, o Grupo Desobedeça está com Apoio Jurídico Gratuito!

**PROCURE SEUS DIREITOS**

**AGENDE SUA CONSULTA GRATUITA**





**(51) 9-9137-5706**

**Grupo Desobedeça Lgbt** 27 de junho de 2017 · 🌐 👍 Curtir Página

Apoio jurídico da ONG Desobedeça LGBT!

Galera que estiver precisando de um apoio, pode agendar sua consulta gratuita, pelo celular/whats 51-991375706.

Projeto jurídico da ONG Desobedeça.

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar    ⚙️

👤 10

 Escreva um comentário...    

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt>>

Acessado em 30 de maio de 2018

Por fim, a categoria 6, corresponde a apenas uma postagem que divulga um ato na rua em alusão ao Dia Internacional do Orgulho LGBT, comemorado no dia 28 de junho, conforme Figura 29.

Figura 29 - Convite para ato alusivo ao Dia Internacional do Orgulho LGBT

**Parada De Luta Lgbt - Porto Alegre** compartilhou uma publicação.  
2 de junho de 2017

Semana da Parada + Dia Internacional do Orgulho LGBT

**PARADA DE LUTA  
LGBT  
PORTO ALEGRE / RS**

PROMOVE:  
*Dia Internacional do*  
**ORGULHO  
LGBT**

*28 de Junho*

- Estatuto da Diversidade
- Atrações Artísticas
- Ações Educativas

ART BY ILLUSION PRODUCTIONS

**A partir das 11 horas - Esquina Democrática**

REALIZAÇÃO: Grupo Desobedeça, Conexão Diversidade, Coletivo LGBT Comunista. APOIO: Prefeitura de Porto Alegre, SMDS - Coordenadoria Municipal da Diversidade Sexual.

Parada De Luta Lgbt - Porto Alegre ▶ Semana da Parada + Dia Internacional do Orgulho LGBT  
2 de junho de 2017

CHEGAMOS NO MÊS DO ORGULHO LGBT

E a Parada De Luta Lgbt - Porto Alegre promove diversos eventos e ações durante a Semana da Parada + Dia Internacional do Orgulho LGBT.

No dia 28 de junho, que é o DIA INTERNACIONAL DO ORGULHO LGBT, estaremos ocupando à Esquina Democrática no Centro Histórico de Porto Alegre, à partir das 11 horas da manhã, com diversas atividades educativas, assinatura do Estatuto da Diversidade, recebendo doações para a "Campanha Doa Gasalho" e receberemos artistas que farão apresentações em pleno centro da Capital.

Contaremos com a presença do Coordenador da Diversidade de Porto Alegre, Dani Boeira e alguns artistas como DJ Will Dreher e os apresentadores da Parada de Luta Sylvinha Brasil e Roberto Seitenfus.

O evento é uma realização dos coletivos Grupo Desobedeça Lgbt, Conexão Diversidade e Coletivo LGBT Comunista - RS em parceria com a SMDS - Coordenadoria Municipal da Diversidade Sexual de Porto Alegre.

Convide seus amigos e passe por lá. Estaremos até as 18 horas com um piquete LGBT bem, na Esquina Democrática!

Curtir Comentar Compartilhar

53 Mais antigos

Bruna Oliveira Tedesco Caroline Oliveira Tedesco a gente vai ou não vai?  
Curtir · Responder · 47 sem

1 resposta

Escreva um comentário...

Fonte: Reprodução de publicação da página do Facebook <<https://www.facebook.com/pg/paradadelutalgbt>>

Acessado em 30 de maio de 2018

## 5 ANÁLISE

As duas paradas organizadas em Porto Alegre têm alguns pontos de divergência, principalmente no que tange aos processos de divulgação do evento, aos posicionamentos político-partidários, utilização de cores e identidade visual e à vinculação de imagem à organização. Por outro lado, há pontos de convergência, tais como a utilização de pessoas conhecidas como atores das postagens e ao entendimento de que o evento tem um caráter político.

No que diz respeito à estética das publicações, as duas paradas trazem postagens que remetem às cores da bandeira LGBT, embora as postagens da Parada Livre tragam também cores mais vibrantes e tons diferentes das cores da bandeira. Há uma unidade de identidade visual e escolha de cores entre as imagens utilizadas pela Parada Livre, ao passo que a Parada de Luta não parece ter uma especificidade no tipo de imagem utilizada, mas tem em comum a presença das cores da bandeira LGBT.

No que tange aos atores, as duas manifestações não se utilizam desse recurso tantas vezes, mas quando o fazem, recorrem à imagem de DJs, artistas e celebridades, em todas essas situações, essas imagens são utilizadas para fins de divulgação da participação dessas pessoas nas paradas ou nas festas promovidas por elas. O que denota a importância da visibilidade dessas pessoas para trazer mais engajamento para as paradas.

Na Parada de Luta, no entanto, chama a atenção a utilização da imagem e do nome dos organizadores do evento, tanto nas postagens quanto na própria descrição da página. Vale ressaltar que, segundo Steinfus - organizador dessa parada - há cerca de 5 coletivos diferentes organizando o ato todos os anos, no entanto, apenas o Grupo Desobedeça (coletivo do qual Roberto Steinfus, entrevistado para este trabalho, é organizador) é citado em todas as publicações em que a organização aparece como ator. A imagem da Parada de Luta é bastante conectada ao grupo Desobedeça que é um dos coletivos organizadores do encontro. Ainda que a vinculação não seja realizada em todas as publicações, a construção da página como um todo acaba, inevitavelmente, vinculando ambos. Já a página da Parada Livre traz uma imagem sem vínculo específico com algum grupo - apesar de historicamente, se saber do envolvimento do grupo Nuances na criação e organização do evento até hoje -, trazendo uma postura mais neutra e tornando a Parada Livre um coletivo com vida própria.

O foco da Parada de Luta LGBTI é bastante claro quanto à afirmação constante da luta política do grupo – seja ligada à causa LGBT ou não –, ainda que traga com a mesma intensidade, a divulgação de festas e eventos. Percebe-se que, nos períodos analisados, a

divulgação da parada em si, antes da ocorrência desta, não é tão frequente, sendo os dois citados acima, os pontos mais frisados nas publicações.

Por outro lado, a Parada Livre investe bastante na divulgação do ato, sendo esse o tipo de publicação mais frequente, junto às publicações de arrecadação de recursos financeiros. Esse ponto, se pensado junto à evidente busca por atores conhecidos para as publicações, evidencia a necessidade desse tipo de evento ser viabilizado, de se “fazer acontecer”. O que traz, novamente para a discussão, a noção de espetáculo político, indicado por Rubim (2004), como um processo massivo e público de convencimento, apelo e contestação, se utilizando de recursos diversos para chegar ao objetivo de visibilidade. Nesse caso, os recursos de convencimento das duas paradas são, frequentemente, as imagens de atores que tenham um bom apelo de público, bem como a construção de um megaevento, com estruturas de palco, sonorização, trios elétricos e apresentações.

O posicionamento das páginas é bastante distinto, enquanto que a Parada de Luta traz um posicionamento político bastante demarcado e presente em várias publicações, a Parada Livre traz um discurso mais voltado à divulgação do evento, trazendo informações de serviço, programação, entre outros. Ainda que exista a presença de um discurso político mais claro em algumas publicações da Parada Livre - porém sempre ligado a questões LGBTs - não há uma demarcação de posição política no que tange as diferenciações de esquerda e direita. Esse discurso, no entanto, não se difere tanto se compararmos as falas dos organizadores. Apesar de algumas divergências claras no processo de organização do evento, ambos trazem a importância dos processos políticos na luta pelos direitos LGBTs, ainda que na Parada de Luta tenha uma abrangência maior do espectro político e na Parada Livre o discurso seja mais focado na luta LGBT.

As diferenças históricas e de apresentação das duas paradas são inegáveis. A Parada de Luta tem um caráter forte e abrangente voltado à política, estando presente tanto na fala dos organizadores como nas publicações da página oficial no Facebook. E a Parada Livre tem um foco bastante específico na organização de uma estrutura grande de evento, com apresentações e programação chamativa, o que não significa que o caráter político não esteja presente.

Inclusive, cabe avaliar que, independentemente do nível de envolvimento político de cada organização, ambos eventos se apresentam de forma política em suas páginas oficiais no Facebook. Isso pode ser percebido tanto pelas afirmações bastante claras em algumas postagens - como, por exemplo, as Figuras 10 e 22 -, como pelas campanhas que trazem à tona e debatem temas específicos relacionados a gênero e sexualidade.

Além disso, podemos aqui também trazer a classificação dos quatro modelos de espetáculo político definidos por Jesús Requena (1988, *apud* RUBIM, 2004): carnavalesco, circense, cena italiana e cena fantasma. Por ser um evento constituído no espaço da rua e com a impossibilidade de dissociar protagonistas e espectadores, as Paradas LGBT, podem ser consideradas como do tipo carnavalesco. Os espectadores são também os protagonistas do espetáculo, festejando, se fantasiando e reivindicando suas demandas. Ainda que esses eventos sejam marcados por diversos carros de som e trios elétricos com pessoas em destaque, o foco da cena das Paradas não está nos destaques, mas sim o que acontece no chão.

Também entra como um ponto para a caracterização política de ambas o fato de que os corpos diferentes das normas sociais são já, de alguma forma ou de outra, corpos políticos, que estão se afirmando politicamente apenas por existir.

A busca pela grandiosidade desses espetáculos, com recursos midiáticos, confere às paradas uma força política e um poder simbólico ligado à passionalidade das pessoas que participam do ato. Essa paixão, conforme cita Weber (2011) é o que move e contagia o público para atingir o objetivo principal da manifestação pública. No caso das paradas, além de outros objetivos mais específicos e que são consequência desse processo todo, a busca pela visibilidade e legitimidade é a meta mais clara desse tipo de evento, o que pôde ser percebido de forma evidente na quantidade e no teor das publicações nas páginas oficiais. Além das postagens em que essa busca se tornava óbvia - como por exemplo aquelas em que se divulgava o evento em si -, as publicações referentes à arrecadação de dinheiro e divulgação de festas e eventos com esse fim, têm também, como objetivo, agigantar o evento para que, reunindo mais participantes, possa alcançar uma visibilidade maior e uma garantia da permanência e legitimidade dos coletivos e das manifestações.

Ainda que o objetivo do trabalho não seja, necessariamente, avaliar a imagem específica de cada uma e não seja possível chegar a um resultado nesse sentido, é interessante ressaltar que esse processo de busca por visibilidade não acontece sem um impacto na imagem pública desses eventos e da comunidade LGBT. Não é possível medir esse impacto a partir dos resultados desse trabalho, no entanto, a partir das referências teóricas utilizadas, bem como das análises realizadas a partir das páginas oficiais de cada uma das duas paradas organizadas em Porto Alegre, compreende-se que a imagem delas passa, inevitavelmente, por uma ideia de espetáculo midiático, massivo e político.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou trazer, à luz de conceitos teóricos da área da política, dos estudos de gênero e sexualidade e da comunicação, as Paradas LGBT como eventos que não só fazem parte do espectro festivo, como também político e reivindicatório. Que têm a sua relevância enquanto atos políticos e manifestações públicas. Para tanto, como citado no início do trabalho, foram traçados três objetivos específicos, além do objetivo geral, para a apreensão das duas Paradas LGBT que acontecem na cidade de Porto Alegre.

O primeiro objetivo específico, “compreender, à luz dos conceitos de espetáculo, a inserção das Paradas como atos políticos” foi atingido na medida em que o aporte teórico referente a espetáculos políticos e espetacularização de acontecimentos públicos explicita que os espetáculos são já inerentes à política e às práticas sociais (RUBIM, 2004). Também é dito que o espetáculo tem como seu maior recurso a passionalidade de seus públicos aliado à contestação, apelo emocional e convencimento, promovendo uma identificação do público com o espetáculo e possibilitando que esse ato possa se expressar massivamente (WEBER, 2011). Características estas bastante específicas das Paradas LGBT, principalmente no que tange a capacidade desse evento de movimentar milhares e milhões de pessoas em prol de uma causa. A identificação é bastante imediata, já que como foi indicado através de pesquisas realizadas por instituições na Parada de São Paulo, boa parte dos participantes se identificam, de fato, como LGBT. Outro ponto trazido como essencial para um espetáculo político é o da rentabilidade econômica e política do acontecimento (WEBER, 2011). Nesse caso, além de movimentar o turismo e, conseqüentemente, a economia das cidades, a grandiosidade do ato faz com que os interesses políticos nele sejam variados. De investimentos públicos, passando por aprovação de leis - como foi o caso da inserção da Parada Livre no calendário oficial da cidade de Porto Alegre -, à presença marcada de políticos nesses eventos.

Com relação ao segundo objetivo específico, “apontar as diferenças e/ou semelhanças de apresentação entre as duas Paradas de Porto Alegre”, foi possível identificar que os dois eventos são distintos entre si, com posicionamentos político-partidários diferentes e com focos de divulgação particulares. Ainda assim, a divulgação de ambas procura trazer com frequência as cores da bandeira LGBT para as suas postagens e as duas paradas têm como atores das postagens – quando estes aparecem –, pessoas conhecidas, como artistas, DJs e celebridades, o que é relevante para percebermos o impacto da visibilidade desses atores para a visibilidade das paradas em si. O ponto que difere aqui, é o fato de que a Parada de Luta LGBTI traz com frequência a imagem dos organizadores também. No que tange o espectro da política, ainda

que haja um embate político evidente entre ambas, foi possível identificar também que as duas se apresentam de forma política e nitidamente conscientes do seu papel de inserir e visibilizar a comunidade LGBT na sociedade, de pressionar políticos e garantir direitos.

Por fim, o objetivo geral, que era “compreender como as Paradas LGBT de Porto Alegre se apresentam em seus canais oficiais de comunicação e divulgação”, foi atingido na medida em que se identificou que as duas paradas se apresentam como eventos voltados ao público LGBT: *festivos*, por conta da alegria e caráter contagiante trazido nos discursos e nas imagens das publicações; *culturais*, quando trazem apresentações artísticas e possibilitam laços de sociabilidade; e, principalmente, *políticos*, ao afirmarem com frequência a política do evento, ao se posicionarem politicamente contra leis e discursos de ódio que atingem diretamente a comunidade LGBT.

As Paradas LGBT são acontecimentos essenciais para a obtenção e manutenção da visibilidade e da imagem pública da comunidade, para a pressão para garantia de direitos e políticas públicas e para a identificação de pessoas LGBT. Todos esses pontos já confeririam, por si só, o caráter político a estes eventos, independentemente de como os processos mais tradicionais da política são realizados pelos coletivos organizadores. Ao se manifestarem em um espaço público e trazerem para esta esfera questões tradicionalmente consideradas como de cunho privado, as paradas LGBT tensionam as relações de poder simbólicas entre a sociedade e os corpos não-normativos. Para além disso, essa análise evidencia a autonomia que esses eventos têm para além da representatividade desta nas redes sociais. O número de curtidas, comentários e seguidores das páginas oficiais destes dois eventos mostram que a representação das Paradas na internet está muito aquém do próprio ato político e da grandiosidade deste. Os próprios públicos mobilizam outros públicos e transformam o evento no que ele é hoje. Por isso, são eventos com uma grande relevância histórica, política e cultural, não só para as pessoas LGBT, mas também para a sociedade como um todo.



## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **O que é política?**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 240p.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. Em LOURO, Guacira Lopes (org). O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 176p.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.
- DAGNINO, Evelina. **¿Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando?** In: Políticas de Ciudadanía y Sociedad Civil en tiempos de globalización. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, 2004.
- GOHN, M. G. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004. 383 p.
- GOHN, M. G. **História dos movimentos e lutas sociais**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2011. 239 p.
- GOLIN, Célio. **Nuances 25 anos: uma trajetória inconformada com a norma**. Porto Alegre: Editora Nuances, 2017. 116 p.
- GRUPO GAY DA BAHIA. **Mortes violentas de LGBT no Brasil: relatório 2017**. Salvador, 2017. Disponível em <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>> Acesso em: 15 de maio de 2018.
- ESTEVES, João Pissarra. **Sociologia da Comunicação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011. 521 p.
- FACCHINI, R., FRANÇA, I. L. & VENTURI, G. **Sexualidade, cidadania e homofobia: pesquisa 10a parada do orgulho LGBT de São Paulo – 2006**. São Paulo: APOLGBT, 2007.

FACCHINI, Regina. **Histórico da luta LGBT no Brasil**. Revista Pré-Univesp. Edição 59. São Paulo: Univesp, 2016, julho de 2016. Disponível na internet: <http://pre.univesp.br/historico-da-luta-lgbt-no-brasil#.WdVLn3HKuUI>

HENRIQUES, Marcio Simeone. **A comunicação e a condição pública dos processos de mobilização social**. In: Revista Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura. Vol 2, nº 1. Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2012.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **O protesto na festa: política e carnavalização nas paradas do orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT)**. 2010. 194 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.

PARKER, Marcelo; WEBER, Maria Helena. **A comunicação pública e o debate político nas ruas**. In: ROSÁRIO, Nísia Martins; SILVA, Alexandre Rocha (Orgs.). Pesquisa, comunicação, informação. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 383-400

ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação**. In: BONIN, J. A.; MALDONADO, A. E.; ROSÁRIO, N. M. (org.). Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p. 195-220.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Espetacularização e Midiatização da Política**. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.) Comunicação e política: conceitos e abordagens. Salvador: Edufba, 2004. p. 181-222

STEINFUS, Roberto. **Entrevista concedida a Marília Pinto Fernandes**. Porto Alegre, 16 mai. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "A" desta monografia]

TARROW, Sidney. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis: Vozes, 2009. 319 p.

VOTE LGBT. **Pesquisa sobre o perfil social e político das/os participantes da Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais e da Parada do Orgulho LGBT de 2017**. São Paulo, 2017. Disponível em <<http://votelgbt.org>>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

WEBER, M. H. **Imagem Pública**. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.). Comunicação e política: conceitos e abordagens. Salvador: Edufba, 2004. p. 259-307

WEBER, M. H. **O estatuto da Imagem Pública na disputa política**. ECO-Pós, v.12, n.3, setembro-dezembro 2009, p.11-26

WEBER, M. H. **Do acontecimento público ao espetáculo político midiático**. Caleidoscópio, v. 8, p. 189-203, 2011.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Transcrição de Entrevista com Roberto Steinfus

#### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

#### FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

##### Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Esta entrevista tem como objetivo compreender como, quando e por que a Parada de Luta LGBTI foi criada. Os dados aqui coletados serão utilizados exclusivamente para o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Marília Pinto Fernandes, graduanda em Relações Públicas da UFRGS, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Helena Weber e coorientação da Prof<sup>a</sup> Fiorenza Carnielli.

**Nome: Roberto Steinfus, participante do Grupo Desobedeça e um dos organizadores da Parada de Luta LGBTI.**

**Pq** - Como surgiu a Parada de Luta LGBTI?

**En** - A Parada de Luta, para eu conseguir conceituar, eu preciso trazer um histórico da parada livre, do movimento de Porto Alegre, na verdade. Eu, particularmente, coordeno a parada de Porto Alegre desde 1999. Nesses 19 anos, o movimento LGBT nacional, ele foi se amodelando conforme os financiamentos públicos das paradas. Ele deixou aquele caráter reivindicativo e de luta que sempre teve - porque as paradas nasceram de uma luta, portanto elas foram reflexo disso e continuaram sendo reivindicações de direitos - elas passaram, com o passar dos anos e com o aporte financeiro muito grande - que muitas vezes prioriza um evento grande e deixa de priorizar políticas públicas, campanhas e outras coisas ao aporte milionário das paradas.

Com isso, elas começaram a modelar as paradas como uma característica muito mais festiva do que reivindicatória. Esse, pra nós, é o principal problema das paradas. Não é a toa que o número de assassinatos, o número de crimes contra LGBTs, ele cresce. Por mais que as paradas cresçam, o número também cresce. Pode ser uma questão de visibilidade? Sim, pode ser, porque nós estamos aparecendo mais. Mas também é reflexo de que a parte festiva e não de políticas públicas, não tão sendo tratadas a parte de políticas públicas. Isso, com o passar dos anos começou a levar gente que fazia parte da organização da Parada Livre a questionar

internamente o formato da parada, a forma como ela se dá: não abrindo o microfone pra vários grupos dos movimentos sociais, delimitando A ou B parlamentar que poderia subir para falar... Questões como essas, pra nós, foram levantadas como crítica, porque a gente acha que não, a parada ela tem que abrir o microfone pra vários movimentos, tem que abrir o microfone pra todos os parlamentares, pra todos os governos, inclusive pra que se comprometam. Não que a gente não vá fazer a crítica, inclusive melhor fazer a crítica com a pessoa no palco, na frente de todos, que é o que a gente faz do que não abrir o microfone pra que a pessoa não fale.

Essas críticas começaram a levantar: a questão das paradas serem meramente culturais, ter simplesmente o show das drags sem fazer a parte política de reivindicação, isso começou a levantar (críticas). A característica de que uma coordenação ela não pode ser dito por seres iluminados que vão fazer a coordenação, mas ela tem que ser pautada junto com toda a comunidade, por isso a construção coletiva com vários coletivos, de fato, organizando e não um ou outro coletivo ser mais importante. Isso, pra nós, começou a ser questionado. E por isso, dentro dessa mesma lógica, o Desobedeça, que é o que eu faço parte, decidiu fazer, em 2007 a mini-parada, que não era pra ser uma parada. Era pra ser um ato alusivo ao dia 28 de junho, então por isso que a gente sempre faz a manifestação no domingo mais perto do dia 28 de junho, isso é uma coisa que a gente quis levantar para não fugir da data, porque pra nós é importante não fugir da data, porque a gente pauta ela e lembra o porquê ela existe. Então sempre no domingo mais próximo a gente criou a manifestação que é a mini parada. E com essa característica política.

Só que as pessoas começaram, pessoas que em outro momento já não iam mais na parada livre, pessoas que tinham a consciência de que era necessário lutar, começaram a ir de novo nas manifestações junto com a gente, porque a gente fazia essa pauta, não só fazer a manifestação ali, como uma das características que a gente tem é que a nossa caminhada sempre vai para algum lugar próximo em que esteja havendo discriminação e preconceito.

No início, a nossa caminhada da parada ia sempre pra porta do Olaria, porque lá tinha discriminação, as pessoas tavam sendo expulsas de lá pela sua orientação sexual. Com o passar do tempo, a mini parada começou a tomar uma proporção muito grande, mesmo com a característica de um caminhãozinho. Até o momento em que nós fomos expulsos da parada livre, o Desobedeça, Outra Visão, outros grupos foram expulsos da parada livre. O outra visão voltou depois, mas nós fomos expulsos por fazer essas críticas.

Então, com o passar do tempo, a gente decidiu com outros coletivos que começaram a se somar, não só de Porto Alegre, mas também do interior - porque essa é uma outra característica que a gente tem, porque a gente acha que a parada é em Porto Alegre, mas não é

de Porto Alegre - decidiu então mudar o nome e fazer a Parada de Luta LGBTI de Porto Alegre. Porque já não dava pra comportar mais, pela estrutura, pelo espaço, tudo que a gente fez. De quatro ou cinco anos pra cá, começamos a usar Parada de Luta LGBTI, de novo, pautando sempre a mesma data. Sempre com uma pauta mais independente, por exemplo, ano passado, o nosso tema era Fora Temer, porque a gente achava que a pauta geral também é a nossa pauta. Se tem um governo que ataca os trabalhadores e ataca toda a comunidade, é necessário, porque a gente não quer só uma mudança pros LGBTs, a gente quer uma mudança de sociedade. Se a gente não tiver uma mudança de sociedade, não vamos ter uma mudança para a comunidade LGBT.

Então, começou-se a fazer isso, fazendo seminários, semana de debates, junto com sindicatos, universidades. A parada de luta nunca teve dinheiro público, a gente sempre buscou financiamento junto a iniciativas privadas, sindicatos - que inclusive sempre pautaram a parada de luta em seus calendários de luta.

Hoje, por mais que tenha uma estrutura de palco, uma das coisas que a gente coloca é, nós nunca vamos perder a independência do movimento e a cobrança seja do partido ou governo que estiver pra políticas públicas. Esse é o nosso diferencial.

Esse ano vem artistas de fora do Rio Grande do Sul e por mais que a gente possa ter recurso, nós pautamos de que eles venham sem cachê, porque pra nós é político inclusive que os artistas que vão estar ali pra uma luta e não para um show meramente dito. Essa característica pra nós é o fundamental.

**Pq** - Quais são os coletivos que compõem a organização?

**En** - Desobedeça existe desde 2002. São vários, a UNA, o Conexão Diversidade, LGBT Comunista, UJS.

**Pq** - E como funciona a parada de luta hoje? Vocês tem alguma caminhada, tem um local específico? Tem mais falas, mais apresentações?

**En** - As falas são fundamentais, então a gente sempre tenta mesclar os shows com as falas, normalmente fazemos 1 show e 3 falas, mesclando sindicatos e movimentos. A caminhada segue passando para locais de discriminação, como Olaria, Bar Pacífica e Pinguim.

**Pq** - Qual foi a média de público dos últimos anos?

**En** - O ano passado foi a maior parada de todos os tempos, inclusive maior que a parada livre. Ano passado foi cerca de 100.000 pessoas. A gente fala 40.000 por uma questão real, de momento, mas deve ter passado mais de 100.000 pessoas. A primeira parada teve cerca de 10.000 pessoas.

**En** - Queria também trazer que a gente pauta o recurso público, porque a gente critica não pra que o dinheiro não exista nas paradas, mas pra que ele não seja moeda de troca no sentido do silêncio do movimento, isso pra nós é grave. Se a gente puder não ter dinheiro público, mas puder obrigar que esse dinheiro que seria usado na parada seja investido em uma campanha no ano inteiro, por exemplo, pra nós é muito melhor. O movimento social, o movimento LGBT por muitos anos foi cotado pelo governos. E isso pra nós é grave. E temos como princípio nosso de não e vender pra qualquer um.


**APÊNDICE B – Autorização de utilização de entrevista no trabalho de conclusão**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

**AUTORIZAÇÃO**

Eu Roberto Schneider Seitanhos  
....., abaixo assinado, autorizo Marília Pinto  
Fernandes, estudante de Relações Públicas, da Faculdade de Biblioteconomia e  
Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por  
mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como  
título Comunicação e Visibilidade Política nos  
Paradus LGBT  
.....  
e está sendo orientado pela Profa. Dra. Maria Helena Weber.

Porto Alegre, 16 de maio de 2018.

  
\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado